PESQUISAS

Antropologia, nr. 26 Ano 1974

Pe. Adalberto Holanda Pereira, S. J.

A MORTE E A OUTRA VIDA DO NANBIKUÁRA

LENDAS DOS ÍNDIOS NANBIKUÁRA

INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS
São Leopoldo — Praça Tiradentes, 35 — Rio Grande do Sul — BRASIL

INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS

São Leopoldo — Praça Tiradentes, 35 — Rio Grande do Sul — BRASIL

PESQUISAS

PUBLICAÇÕES DE PERMUTA INTERNACIONAL

Conselho de Redação

Pedro Ignacio Schmitz, S. J. — Diretor

Aloysio Sehnem, S. J. — Coordenador para Botânica

João Oscar Nedel, S. J. — Coordenador para Zoologia

— — — —

PESQUISAS publica trabalhos de investigação científica e documentos inéditos em todas as línguas de uso corrente na ciência.

Os autores são os únicos responsáveis pelas opiniões emitidas nos artigos assinados.

A publicação das colaborações espontâneas depende do Conselho de Redação.

Pesquisas aparece em 4 secções independentes: **Antropologia, História, Zoologia, Botânica.**

Pedimos permuta com as revistas do ramo.

— — — —

PESQUISAS veröffentlicht wissenschaftliche Originalbeiträge in allen geläufigen westlichen Sprachen.

Die Aufnahme nicht eingeforderter Beiträge behält sich die Schriftleitung vor.

Verantwortlich für gezeichnete Aufsätze ist der Verfasser.

Pesquisas erscheint bis auf weiteres in 4 unabhängigen Reihen: **Anthropologie, Geschichte, Zoologie, Botanik.**

Wir bitten um Austauch mit den entsprechenden Veröffentlichungen.

— — — —

PESQUISAS publishes original scientific contributions in any current western language

The author is responsible for his undersigned article.

Publication of contributions not specially requested depends upon the redactorial staff.

Pesquisas is divided into four independent series: **Anthropology, History, Zoology, Botany.**

We ask for exchange with publications of similar character.

— — — —

Registro n.º 634 — P. 209/73 da Divisão de Censura de Diversões Públicas do D.P.F.

A MORTE E A OUTRA VIDA DO NANBIKUÁRA

Pe. Adalberto Holanda Pereira, S. J.
Pesquisador da Universidade Federal de Mato Grosso. (1).

1. A ORIGEM DA MORTE. (2).

Diz a lenda: antigamente nanbikuára não morria.

Uma velha tinha um filho já feito. Um dia aquele homem foi caçar e no caminho ia pensando assim: — Queria que a minha mãe fosse ainda nova e forte, para poder fazer beiju e assar carne. Ninguém me ajuda! Chego em casa e não tem nada pronto: assim é muito triste!

Por sua vez, a velhinha pensava: — O meu filho nessa hora já deve ter encontrado e matado muito bicho, mas coitado, quando chega aqui, eu não posso preparar, não tenho mais força! E a velhinha ficava triste também.

Noutro dia, o homem foi caçar de novo. Então a velhinha pegou um cacho de urucu e mais alguns colares e desceu para a cabeceira do córrego. Chegou lá, arrancou a pele enrugada do corpo com cabelo e tudo, como fazem a cobra e a lagartixa, e tomou banho. A velha ficou nova. Colocou um colar no pescoço e outro na cintura, passou o urucu em todo o corpo e ficou bonita como era antes. Dependurou aquela pele velha num pau perto da água e voltou para a casa. Avisou aos netinhos:

— Olhem, vocês não mexam naquela pele que eu deixei lá na água!

— Nós não vamos mexer não, vovó!

O homem chegou da caçada trazendo muita carne.

— O beiju está pronto! — disse a mãe.

O filho só reconheceu a mãe pela voz, porque agora estava nova. E foi muito grande a alegria do homem. Agora sim, eu de novo tenho uma mãe bem novinha, pra fazer beiju e assar carne!

---

(1) O autor agradece a colaboração do pesquisador da UFMT, Pe. José de Moura e Silva, na redação deste trabalho.

(2) Na grafia dos nomes nanbikuára, adotamos os seguintes carateres especiais: a letra em negrito representa um som demorado; a letra com acento grave, um som gutural uvular.

Mas os netinhos foram olhar a pele lá na água e viram que era bom brincar de flechar. Fizeram uns arquinhos e umas flechinhas e furaram a pele toda da vovó.

Quando a vovó viu, começou a chorar. Depois recolocou no corpo aquela pele, ficou velha outra vez e foi indo e morreu.

E daí nanbikuára começou a morrer.

Aquela cabeceira ficou sendo chamada ualanekisu (uala: pele; nekisu: cabeceira).

Outra lenda conta ainda a origem da morte:

O pajé Kalenra.ikitesu um dia experimentou ressuscitar um periquito e um besouro e foi feliz. Então tentou fazer o mesmo com sua mulher falecida e ela reviveu. Kalenra.ikitesu viu que podia fazer reviver todo nanbikuára que viesse a morrer. Mas por causa da desobediência de um seu cunhadinho, a mulher morreu outra vez. Kalenra.ikitesu disse: — Agora não tem mais jeito: nanbikuára vai morrer e ninguém vai fazer viver de novo. (Cfr. Pesquisas, Antropologia, n.º 25, pp. 1-2, 1973, São Leopoldo.)

2. A MORTE E OS MORTOS.

Os principais prenúncios e presságios da morte são: ouvir cantar uakauã (gavião): advirá num futuro próximo, ou uma desgraça para aquele que ouviu, ou alguém morrerá na aldeia; encontrar iànahru (calango): morrerá uma mulher; ver hausu (lobão): morrerá alguma pessoa; sonhar que alguém vai morrer: essa pessoa sonhada morrerá mesmo; aparecer halo do sol: alguém morrerá proximamente.

Constata-se o óbito, auscultando o coração. Imediatamente depois do desenlace, fecham a boca e os olhos do morto. Em seguida, amarram os punhos da mão com linha de algodão e as estendem ao longo do corpo e juntam os pés. Se é um adulto, envolvem o morto com palha de buriti ou bacaba, amarrando-o com cipó. Se é criança, cobrem o corpo com casca de iapãdisu (pau-de-óleo), "gasolina irmão", isto é: queima rapidamente.

Medem o corpo com uma vara, para determinar o comprimento e a largura da sepultura.

Fazem um primeiro sepultamento, numa cova pouco profunda, para chamar a atenção da alma, se ainda estiver no corpo. Depois procedem ao sepultamento definitivo, numa cova de profundidade correspondente à altura do pescoço de uma pessoa comum. É profunda assim a sepultura, para não exalar mau cheiro.

Amarram uma corda na altura do pescoço e dos joelhos e vão descendo devagarzinho, para não bater com força no fundo da sepultura. A cabeça fica para o poente e os pés para o nascente, isto, para do.uaunkidisu (alma) ver e seguir o caminho do sol, que a ilumina e leva a Dà.uãsununsu (Ente Supremo). Se não for nessa posição, a alma zanga e mata as crianças.

Juntamente com o corpo, enterram as cabaças, flechas, cuias pequenas e grandes, porque ninguém mais as quer usar. A corda de tucum usada para descer o corpo na sepultura, é queimada. A casa do extinto fica abandonada, apodrece e cai, sendo os escombros jogados fora da aldeia e queimados. Logo constroem outra casa menor para os parentes do falecido.

O enterro é feito fora da casa, no pátio da aldeia. Se a morte se deu muito longe, enterram o defunto lá longe mesmo, devendo os companheiros permanecer alguns dias no local e ao se retirarem, caçam e procuram mel. Se alguém morre não muito longe, amarram o corpo com uma embira, dependuram-no num pau e o carregam para sepultar na aldeia. Outras vezes carregam-no no ombro.

Em 1955, adoeceu gravemente, em Utiariti, Joaninha, uma das mulheres de Katunkulusu, chefe político e religioso do grupo nanbikuára do rio Sapezal. O marido colocou a esposa no ombro e a saiu carregando para a aldeia. No rio Buriti, 42 quilômetros de Utiariti, a Joaninha morreu. Katunkulusu continuou carregando até ao rio Sapezal, onde a enterrou no pátio da aldeia. Não queria sepultar sua mulher em Utiariti, porque aí o chão era duro e mesmo naquele cemitério alguns civilizados sepultados poderiam conversar e mexer com a alma de sua esposa.

A sepultura não tem sinal algum. Em 1961, os nanbikuára dançavam no pátio da aldeia do rio Sapezal, quando se rompeu uma sepultura. Tornaram a fechar. Entretanto, em 1968, quando íamos chegando de carro na aldeia da Serra Azul, um nanbikuára se pôs de braços abertos na frente do carro, dizendo que não podíamos passar por ali, porque era cemitério.

Colocam em cima da sepultura uma cuia com chicha, para a alma do morto beber. Cada dia enchem aquela cuia de chicha, deixando de o fazer somente quando encontram a cuia com a chicha do dia anterior. Isto significa que a alma está satisfeita.

Outro informante disse que se vai colocando a chicha até que o corpo se decomponha dentro da sepultura, demorando mais na estação da seca (abril a outubro) e menos na estação das águas (outubro a abril).

Estas duas explicações ouvimos no grupo do rio Sapezal. Já no grupo do rio Galera dizem assim: sacodem o morto, para a alma sair. Em seguida colocam perto uma cuia de chicha e um homem vai batendo na cuia para chamar a atenção da alma, a qual vem, sopra e bebe, enquanto se procede ao sepultamento. Terminado o sepultamento, os homens fumam e cospem dentro da cuia, para dizerem que a alma já se retirou e agora não precisa beber chicha.

Somente os parentes mais próximos do morto choram e por vários dias. Os filhos do falecido que estão com crianças menores não choram, porque faz mal para as crianças. Se o morto não possui parente próximo, ninguém chora. Os parentes do morto cortam ainda o cabelo, menos quando se trata de um falecido já muito idoso. Não cortam o cabelo das crianças.

Os homens podem caçar com arco e flecha só depois de alguns dias após a morte. Se morre uma criança, a mãe não pode comer carne de tatu-canastra, paca, cotia, tatu-cascudo, tatu-bola branco, ouriço e tamanduá-mirim. Se comer, o espírito da criança entra no corpo da mãe e lhe come o coração.

Se se cava a sepultura, a alma zanga e mata todos os vivos.

Quando um nanbikuára morre e não é sepultado, dautatasu (um grande gavião) desce de lá de cima do Halu?halu?nekisu, e come a carne do morto e leva os ossos para fazer ninho numa grande figueira.

3. O LUGAR DE PURIFICAÇÃO DAS ALMAS. (1).

O pajé Katin.ãdndisu subiu um dia lá em cima e voltou contando: — Vi Halu?halu?nekisu, um lugar muito limpo e bonito. Nunca começou e nunca vai terminar. É o princípio de tudo. Tinha perto uma lagoa muito grande, redonda, rasa e suja. Aí moram um pato e um pássaro amarelo. Perto dessa lagoa vi quatro árvores: numa mora matintínsu amarelo (libélula); em outra, um azul; na terceira, um vermelho; a quarta é uma figueira. Nessa figueira mora dautatasu, um enorme gavião (2) muito brabo, de asas como folha de pacova, com penas muito compridas. Dautatasu tem uma filha muito bonita. Debaixo do ninho de dautatasu, feito com os ossos dos nanbikuára insepultos, mora alukui?ne?intu (borboleta branca).

Dautatasu também pode levar uma pessoa viva e lá em cima mata e come e faz dos ossos o seu ninho. Dautatasu é maior que uma casa. Tem a unha muito grande. "Nem 44 mata dautatasu".

No Halu?halu?nekisu, as raízes da figueira descem até à terra. Todos os homens, índios e brancos, têm o mesmo sangue, vivem irmanados e entre as raízes da figueira. Se um nanbikuára acha que não deve ser assim, no dia que morrer, o atasu (espírito mau) dá conta dele.

O mundo é muito grande, tão grande que nem se pode imaginar, mas as raízes da figueira invadem todo ele. O trovão sem estalo corre pelas raízes da figueira, "fio irmão": igual a um fio elétrico.

No Halu?halu?nekisu sempre viveu e viverá Dà.uãsununsu, o dono do mundo e conhecedor de todas as coisas. Dà.uãsununsu ouve e conhece tudo, até o pensamento e o sangue. Ele sabe se somos bons ou maus. Dà.uãsununsu pode tudo. É o dono dos nomes próprios dos nanbikuára. O uaníndisu vai buscar o nome com Dà.uãsununsu. Dà.uãsununsu entrega o nome às almas. Estas ao uaníndisu. O uaníndisu,

(1) A doutrina do Além não é uniforme em todas as aldeias. De uma para outra, ou mesmo de um para outro informante, na mesma aldeia, notam-se transformações, acréscimos e até contradições. Donde a dificuldade de uma descrição exata dentro de um esquema rígido. Assim se podem entender as palavras de Lévi-Strauss: "Depois da morte, as almas dos homens se encarnam nas onças; mas as das mulheres e das crianças são levadas para a atmosfera, onde se dissipam para sempre. (Tristes Trópicos, p. 306.)

(2) Dãtzu é o nome do gavião comum.

cantando, à pessoa. Por isso, o nome próprio é coisa sagrada. Dà.uãsununsu cria, nos galhos da figueira, duidui?ísu (tesoureiro grande) e tokakáihrú (tesoureiro pequeno) e o curiangu. No começo das chuvas (outubro), esses pássaros descem à terra, para procriarem os filhos. Quando já estão com as asas grandes, vão para o Halu?halu?nekisu. Cada vez que a gente vê esses pássaros, lembra de Dà.uãsununsu. (1).

Dà.uãsununsu fez as coisas certas: a mata para as plantações; a chuva para molhar as plantas; a terra para a gente caçar, plantar e viver; a fruta para a gente comer; o dia e a luz, para a gente trabalhar.

Uma lenda conta:

Os matintínsu do Halu?halu?nekisu eram os encarregados por Dà.uãsununsu de fazer chover. Desciam das árvores e espanavam, com os pezinhos, a água da lagoa, para cair na terra. Mas jogavam água sem parar. Assim era ruim, porque os nanbikuára não podiam caçar, não viam os rastos das caças; a derrubada não secava, para plantar mandioca; fazia sempre frio. Morreram todos os nanbikuára e ficou só um velho.

Esse queria subir pelas raízes da figueira do Halu?halu?nekisu, mas não via. Então uma alma jogou um cipó fino e forte de lá de cima e mandou que o velho segurasse na ponta e fechasse os olhos e não mexesse. Assim ele fez e as almas puxaram até em cima. Foi de noite, porque de dia era muito quente.

Uma alma disse que não era para falar com dautatasu, porque é gavião muito brabo, mas devia conversar diretamente com os matintínsu.

O velho ensinou para os matintínsu parar de jogar água, quando o capim tivesse florzinhas novas, porque nesse tempo nanbikuára faz a roça e a abelha o mel. Podem mandar água, quando o trovão chamar e a cigarra cantar. Um matintínsu disse:

— Agora eu vou fazer como você está me dizendo!. . .

Por isso é que hoje tem tempo de chuva e tempo de seca.

Precisamos nos comportar bem, isto é: não falar mal dos outros, não proibir nada para os outros, não mexer e nem tomar as mulheres dos outros, não matar os outros, nunca zangar, não falar mal do pajé.

Dà.uãsununsu castiga os homens, quando não se comportam bem: manda primeiro uma escuridão sem chuva, as raízes da figueira estalam, quebram e morre todo o mundo e esse se acaba. Nós os nanbikuára já nos comportamos bem, mas tememos os castigos de Dà.uãsununsu, por causa dos civilizados, que se comportam mal.

"Queria saber bem a língua dos civilizados para explicar para eles essa situação do mundo".

"Nós ajudamos na Gleba Continental, a fazer uma grande derrubada e o campo de aviação e não recebemos todo o pagamento. Logo

(1) No entanto, o nanbikuára mata e come esses três pássaros.

veio um castigo de Deus. Numa derrubada, uma árvore caiu na cabeça do Cribe e ele morreu".

Após a morte, a alma continua por algum tempo nas proximidades da aldeia, em forma de sombra pequena de uma pessoa, ao meio-dia. (1). Pode ser reconhecida apenas pelo pajé. Desce então uma alma prática e convida a alma do morto para subir ao Halu?halu?nekisu. A convidada goza de perfeita liberdade para escolher o dia e o momento de subir. Na hora, as duas almas partem voando mais que o vento. Nem sentem que estão viajando.

Às vezes brincam de entrar no chão e sair lá na frente e também mergulhar na água e sair lá na frente, sem se molharem. Podem viajar de dia ou de noite, sem precisar levar fogo. As almas não são como a gente, que precisa levar três ou quatro dias para chegar num lugar. Bastam pensar ir em alguma parte e já estão lá. Halu?halu?nekisu fica muito longe, mas a alma chega lá sem nem mesmo sentir fome.

Chegando ao Halu?halu?nekisu, a alma nova primeiro bebe água na lagoa e depois é entregue pela alma prática a Dà.uãsununsu. E agora a alma não precisa de comida e nem de água. Dà.uãsununsu dá um outro nome para a alma nova, uma nova vista, um novo corpo. Dá-lhe uma alegria sem fim e faz ver a beleza das coisas. Esta alegria e esta beleza são a alimentação da alma.

Em qualquer idade em que o nanbikuára morreu, no Halu?halu?nekisu a alma goza de uma meia idade e fica sempre assim e não morre mais.

Os uaníndisu sobem na ponta de um pau e daí saem para o Halu?halu?nekisu também com o corpo. Só até na hora da partida sentem que têm corpo. Depois não sentem mais.

A teoria de um informante é a seguinte: toda a alma, ao sair do corpo, é como uma criança. Ao chegar ao Halu?halu?nekisu, Dà.uãsununsu a vai alimentando, a princípio, com alimentos tenros, passando, aos poucos, para os sólidos, até a alma alcançar a meia idade. Conforme esta teoria, a alma permanece mais tempo no Halu?halu?nekisu.

Dà.uãsununsu não precisa de arco, flecha, cabaça, cuia, enfeite e colar, mas somente das almas. Vai guardando na memória o comportamento das pessoas aqui na terra. Se uma pessoa se comporta mal, sua alma sobe até o Halu?halu?nekisu, mas é mandada de volta à terra, sem receber nada. Fica ao relento num mato cheio de cobras e lacraias. Se o uaníndisu a encontra, mata-a.

Para um informante, a alma má vira atasu bólido. Para outro informante, se acaba. Assim, a alma de Joaquim Bicudo não existe mais, porque matou gente.

(1) A sombra comprida da pessoa, de manhã e de tarde, é atasu (espírito mau). Cfr. Pesquisas, Antropologia, n.º 25, p. 11, 1973, São Leopoldo.

4. A MORADA DAS ALMAS.

Depois desta passagem pelo Halu?halu?nekisu, a alma volta à terra, onde passa a viver definitivamente em um dos lugares próprios das almas. Visitamos dois desses lugares.

Em 1961, visitamos o primeiro desses lugares chamado uãhru. Dista dez horas a pé da aldeia do médio Sapezal.

São cinco morros bastante altos, quase enfileirados, dentro de uma baixa mas extensa depressão do campo. Acompanhava-me, como guia e informante, Katunkulusu, o mesmo informante de Lévi-Strauss, em 1938. Sentados, Katunkulusu me explica:

Você é o primeiro civilizado que vê esse uãhru. Faz tempo ualuru (tatu mitológico) fez minar água por toda parte e o mundo desabou. Somente esses cinco morros ficaram de pé e aí estão até hoje, porque são as casas das almas. Aqui não pegam doença nem morrem, nem ficam velhas. Como no Halu?halu?nekisu, as almas não precisam de água, de comida para viver. Alimentam-se apenas da alegria e da beleza. Somente cultivam o algodão para fazer enfeites e o fumo para fumar. Têm apenas quatro pés de fumo, que nunca morrem, de folhas maiores que as usadas pelos nanbikuára. A folha para o cigarro buscam fora do uãhru.

Numa aldeia faltou fumo. Um homem saiu a procurar. Andou por campo, várzea, morro e não encontrou. Pousou muito triste na cabeceira de um córrego. Apareceu-lhe uma alma:

— Por quê você está tão triste?

— Nanbikuára não tem mais fumo. Há dias estou procurando e não encontro.

— Então vem comigo!

Chegaram no uãhru. A alma abriu a porta com uma grande espada. O homem entrou e admirou a beleza da casa das almas. Não viu flecha, nem cabaça, nem cuia. Depois a alma mostrou os quatro pés de fumo e mandou apanhar algumas folhas. O nanbikuára ainda pediu semente, mas a alma não deu. O homem levou as folhas para a aldeia, repartiu e todos fumaram com muita alegria.

Na casa das almas nunca escurece. Os esposos continuam casados e têm filhos. Só que a mãe carrega a criança em faixa de algodão, pois ali não tem embira. Ao chegar uma nova alma do Halu?halu?nekisu, uma alma prática abre a porta com uma espada e depois que entrou, fecha. Às vezes a gente ouve conversa lá dentro.

Visitamos ainda outro lugar das almas, próximo à aldeia da Serra Azul. É um capão de mato no campo, numa pequena elevação, em árvores espaçadas e limpas por baixo, contrastando com o cerrado que o circunda: um lugar aprazível e bonito. Chama-se durla?hohlisu (durla: cotia; hohlisu: caçador), porque aí as almas caçam cotia.

Uma tarde os três pajés Rondon, Mariano e Aristides chegaram à aldeia enfeitados com belas fibras de buriti, pintadas de urucu, umas seguras pelo pescoço e caindo pelas costas; outras no bíceps, caindo entre o corpo e o braço e mais uma flor de pena de tucano no nariz.

Vinham do durla?hohlisu, onde tinham recebido aqueles enfeites das almas.

No dia seguinte, Mariano e Rondon pretendiam voltar ao durla?hohlisu. Então pedi para ir junto. Lourenço, o meu intérprete, foi também. Mariano levava uma espada de madeira. Quando nos aproximamos do durla?hohlisu, os dois pajés sentaram-se. Urinavam e fumavam muito. Mandaram que Lourenço e eu fôssemos primeiro ao capão de mato e se víssemos alguma coisa contássemos para eles.

Fomos e apenas vimos um lugar bem pisado, onde os três pajés tinham dançado na véspera e ao lado, alguns ossos de seriema, que Lourenço disse ser o resto da comida de uma onça.

Voltamos e contamos o que vimos. Então Rondon e Mariano foram para o durla?hohlisu, separados, Rondon pela esquerda e Mariano pela direita. Lourenço e eu esperamos.

Logo mais ouvimos gritos dos dois pajés. Aproximamo-nos e nos pusemos debaixo de uma árvore que sobressaía sobre as outras no meio do cerrado. Ouvimos um toque da alatasu (flauta do nariz) e da flauta sagrada. Não vi trazer essa flauta da aldeia. Não demorou, veio Mariano com uma fruta de macunã do mato, que imita em muito a flauta do nariz e disse:

— "Essa é a flauta das almas".

Voltou ao durla?hohlisu para logo mais retornar trazendo desta vez uma lasquinha de taquara, que dizia ser da flauta sagrada das almas. Deixou as lasquinhas de taquara e voltou.

Agora é Rondon que vem trazendo mais umas daquelas lasquinhas. Por fim Mariano trouxe umas formigas-carregador, envoltas numa folha. Entregou-as a Lourenço dizendo:

— "A alma do seu pai manda dizer que amanhã você deve ir caçar tamanduá-bandeira e será feliz na caçada."

Lourenço lamentou a gripe, que não o deixava ir caçar.

Voltamos todos, porque ia anoitecendo.

Pedi e me deram as lasquinhas de taquara e a fruta de mucunã, com a recomendação de que não podia mostrar a ninguém e nem perder essas duas coisas das almas.

Fui informado de outros lugares das almas: kun?a?iauptinintza, assim chamado, porque no meio desse lugar se encontra um pé de sucupira; kaluh?huainintzu, um morro como o uãhru da aldeia do Sapezal, nome também de uma alma e da Berenice, mulher da aldeia da Serra Azul; uasa?kalintza, nome vindo de uasa?kalin?iausu (córrego); iaitulintzu, nome originado de uma cabeceira com um morro; uenintzu, que tem um pé de bacaba (bacaba: uedntzu) no campo: só o pajé pode ver esse pé de bacaba.

A criação da reserva nanbikuára trouxe um problema para os lugares das almas. Alguns desses lugares caíram fora da reserva e isto se tornou grande preocupação para os nanbikuára. Em maio de 1968, quando estivemos na aldeia da Serra Azul, os uaníndisu presentes

pensaram em construir uma pequena casa e reunir todos os uaníndisu, enfeitarem-se com fibras de buriti e irem aos lugares das almas fora da reserva, para, juntamente com elas, resolver a situação. Um informante dizia:

— "Agora, daqui para frente está tudo atrapalhado. Os civilizados que vêm aqui não sabem que as almas têm os seus lugares... não sabem da nossa vida!"

5. COMUNICAÇÃO ENTRE VIVOS E MORTOS.

Em ocasiões relativamente freqüentes, as almas boas retornam temporariamente às aldeias, espontaneamente ou a convite do uaníndisu. Observamos algumas dessas comunicações provocadas pelo uaníndisu: na cura de doentes; na tomada de posse de um novo chefe; em dois eclipses da lua; na comunicação entre aldeias; em grandes tempestades.

Na noite de 24 para 25 de setembro de 1961, no rio Sapezal, assisti à cerimônia de cura de doentes. Reuniram-se à noite na casa de Katunkulusu e se sentaram, os homens na frente, as mulheres e crianças atrás, em volta de um fogo meio apagado e de três grandes cuias de chicha de mandioca. Fecharam as duas portas da casa com uns trapos velhos de pano.

Havia vários doentes e entre eles, uma mulher de idade bastante avançada, que sofria do coração e Maxixe, irmão de Katunkulusu, também idoso, vindo da aldeia da Serra Azul, onde levara um tiro no peito, por questões de ciúme, tendo recebido os primeiros tratamentos na Gleba Continental, próxima àquela aldeia.

Começaram os cantos e continuaram durante toda a noite, quase ininterruptamente. Um homem sustentava e animava os cantos.

Katunkulusu colocou ao lado da chicha um pedacinho de couro de onça pintada. Dessas duas coisas dependia a vinda das almas.

Em seguida, Katunkulusu saiu de quatro pés até à porta e daí se ergueu e foi até o fim do pátio da aldeia. Gritou em direção ao uãhru, chamando as almas. Vieram duas. Em seguida apanhou uns ramos verdes de hadehnãsú, uma pequena árvore e retornou à casa carregando as duas almas entre os ramos. Entrou em casa falando e arrulhando como pomba e colocou os ramos em cima do couro de onça e se sentou. Logo depois meteu as mãos debaixo dos ramos, tirou o pequeno couro de onça e um colar de fio de algodão tingido de urucu, que dizia ser das almas. Para fabricar esses colares, as almas fiam, mas não torcem. Passam urucu e deixam e eles ficam finos por si.

Alguns homens tinham no pescoço aquele mesmo tipo de colar das almas e Antônio, o futuro chefe do grupo e filho da mulher cardíaca, tinha mais umas raízes de urucu na mão, para passar nas almas.

A velha cardíaca achava-se ao lado de Katunkulusu, ora sentada sobre as plantas dos pés, inclinada para frente, com os cotovelos na areia, as faces entre as duas mãos abertas, ora na mesma posição, mas com os cotovelos nos joelhos da vizinha.

Katunkulusu virou-se para a doente, colocou o colar das almas sobre o externo dela, segurando algum tempo com a mão. Ao soltar, não se via mais o colar.

Aqueles que tinham colar das almas no pescoço, tiraram, sopraram dentro das mãos fechadas na cabeça dos presentes, inclusive na minha e os colares desapareciam. Para provar, roçavam as mãos abertas pelo corpo da pessoa, esfregavam em seguida uma mão na outra e davam umas palmadas na própria coxa, enquanto davam ainda uns estalos com a boca.

Às vezes não sopravam o colar, apenas o colocavam na cabeça da pessoa e o faziam desaparecer.

O ambiente era de quase completa escuridão e se o foguinho se animava um pouco mais, logo lhe jogavam areia, porque do contrário, as almas zangariam e se retirariam. Em certas ocasiões, fui chamado à atenção, para não deixar acesa a lanterna que usava para tomar notas. Ninguém soprou no uaníndisu.

Às vezes homens e mulheres se levantavam para dançar, sempre em grupos separados, de homens ou de mulheres. Para a dança, entrelaçavam mutuamente os braços, inclinavam profundamente o corpo para frente, fazendo um pequeno movimento rítmico para frente e para trás, enquanto batiam forte, compassadamente os pés na areia. Os homens inclinavam-se mais do que as mulheres.

Já pela madrugada, a Laíde, com o courinho de onça numa mão e uma flor de pena de tucano (de uso exclusivo dos homens) na outra, aproximou-se da doente, inclinou-se e fez uma sucção com a boca, na altura do coração. Cuspiu depois na palma da mão. Todos olharam calados. Jogou o cuspe no chão e fez outra sucção no externo do doente. Antônio, o filho da doente, sentou-se ao lado da mãe, colocou umas folhas grandes de fumo no chão e começou a passar com força as mãos, como querendo levar a escassa carne das costelas para o coração. Em seguida inclinou-se, encostou os lábios no externo e soprou forte, prolongadamente. Retirou os lábios e puxou da boca uns fios de algodão e os colocou em cima das folhas de fumo. Katunkulusu examinou-os atentamente, sem fazer nenhum comentário. A doente saiu e se deitou fora, próxima à porta da casa, ao lado de um fogo que supomos adrede preparado.

Seguiram-se as curas de outros doentes.

Continuaram os cantos até o clarear do dia, quando um homem jogou de lado os ramos verdes, dizendo:

— "As almas foram embora".

— "Elas só ficam de noite" — acrescentou outro.

Katunkulusu guardou o courinho de onça numa cabaça e deu os ramos verdes para a sua criança brincar. Saíram todos para as suas casas, alguns bebendo antes chicha. Saí também e vi a doente ainda deitada ao lado do fogo, respirando forte. Laíde raspou e passou no próprio corpo as raízes de urucu que eram para passar nas almas.

Presenciei a cerimônia da entrada do novo chefe Antônio, na noite seguinte. Fazia um ano que Katunkulusu procurava um substituto, já

que não podia se interessar devidamente pelo grupo e também não tinha um filho maior para o substituir.

O novo chefe deitou-se perto do fogo na casa de Katunkulusu. Este chamou as almas e as trouxe nos ramos verdes. Colocou os ramos verdes em cima de Antônio. Acendeu o cachimbo adquirido na Missão de Utiariti e baforou quatro vezes em cima dos ramos. Antônio ajudado de Katunkulusu sentou-se com uma cuia de chicha entre as pernas. Enquanto isso, os homens repetiam, como na cura dos doentes a imposição das mãos nas cabeças dos presentes, ao mesmo tempo que cantavam com as mulheres. Era transmitido o poder político e não sabemos se também a pajelança.

Ao amanhecer do dia, Katunkulusu levou várias vezes as mãos debaixo dos ramos e as roçava pelo colar da cintura, começando da frente e indo até atrás, para significar que as almas estavam saindo por ali. Clareou o dia. Retiraram-se todos para as suas casas.

Na terceira noite, foi a cura de Maxixe. O Capitão Antônio tirou a pena do nariz e deu para a esposa de Maxixe segurar. Encostou a boca na ferida do Maxixe e começou a sugar. Depois voltou as costas para o doente e cuspiu 20 caroços de chumbo e mais uma bucha num papel e pôs bem perto de uma labareda de resina. Sempre falando, foi espalhando os chumbos misturados com saliva. Pegou a bucha e disse claramente:

— "Bucha!"

Afastaram um pouco o fogo. Maxixe deitou-se de costas. Katunkulusu, de quatro pés, aproximou-se do irmão e chupou a ferida. Pegou outro papel. Colocou ao lado daquele que tinha o chumbo e cuspiu uma gosma preta e mole. Era pólvora. Antônio chupou de novo mais pólvora e bucha. Em seguida o Baiano, mais pólvora e engasgou. Bebeu água de uma cabaça. Novamente Katunkulusu. Agora retirou uma cordinha: era sernambi.

Continuaram a sugar. Esse suga-suga durou duas horas. Depois que o Baiano chupou, alumiei e vi que a ferida estava intata.

Por fim, Maxixe saiu fora e sentou-se à beira do seu fogo com o joelho dobrado na altura da barriga. Esfregava as pernas e falava. Katunkulusu então esfregou as carnes da perna, como que juntando no joelho. Soprou as mãos juntas e esfregou, querendo significar que tirou alguma coisa do joelho. Antônio puxou também debaixo do joelho, segurou na mão e começou a desenrolar. Eu estava bem ao lado. Era um cordão que peguei e meti no bolso. Katunkulusu e Antônio repetiram as suas cerimônias.

A criança do Baiano estava com um pé inchado. Katunkulusu chupou o pé da criança e tirou um cordão enrolado. Rebentou em pedaços e jogou porta a fora. Katunkulusu chupou também o nariz do filho gripado. Emília entrou com uma criança doente da garganta. Paulo pegou o colar de algodão, juntou nas mãos, colocou em cima da criança, soprou e fez desaparecer o colar, espalhando pelo corpo da criança. Laíde, mulher de Maxixe, me disse:

— "Alumia, ele jogou o enfeite no chão!"

Alumiei, olhei e não vi.

Katunkulusu chupou o pescoço da recém-nascida Salete e tirou uma coisa branca que jogou pela porta. Antônio chupou e tirou uma espécie de frutinha.

De manhã, depois das cinco horas, vi Laíde abrindo a ferida do Maxixe para sair pus.

Nesses três dias, Ruth, de catorze anos, solteira, fugiu correndo para fora da casa, quatro vezes, sendo reconduzida à força. Perguntei a Zeca, por que Ruth fugira. Respondeu que estava variada por causa do colar das almas.

Para o nanbikuára, o eclipse da lua é uma sujeira ou um pedaço de nuvem que atasu (espírito mau) põe nos olhos da lua, para ela morrer. Se morrer, o mundo fica escuro, nanbikuára não pode trabalhar e morre também.

Assistimos ao primeiro eclipse da lua entre os nanbikuára, em Utiariti, de 25 para 26 de agosto de 1961.

As mulheres sentaram-se no chão, em fila, entre os ranchos do acampamento. Os homens formaram uma segunda fila em pé, por detrás das mulheres. Todos cantavam pedindo às almas que se dirigissem a Dà.uãsununsu e conseguissem dele que não deixasse a lua morrer. Katunkulusu levantava de vez em quando os braços e encostava as costas das mãos nos cantos dos olhos e fazia movimentos com os dedos como que limpando a sujeira da lua.

No intervalo dos cantos, comentavam que a sujeira estava passando. Os homens fumavam mais nesses intervalos. Foram cantando e Katunkulusu limpando a lua, até que terminou o eclipse.

Então Katunkulusu deu um grito chamando Antônio. Só agora percebi a ausência de Antônio. Tinha ido rezar mais perto do uãhru. Apareceu logo fumando e com a flor de pena de tucano no nariz. Sentou-se à beira do fogo e disse:

— "As almas me disseram que estava tudo pronto e a lua não morreu".

Contou-me que tinha se deitado de bruços com os joelhos apoiados no chão e com as faces entre as mãos e rezava assim:

— "Olhem, almas, nós estamos com medo da lua morrer. Falem para Dà.uãsununsu que não deixe a lua morrer!"

No eclipse da lua que assistimos na aldeia da Serra Azul, o pajé enquanto cantava com todo o grupo, tinha ainda diante de si o colar das almas que havia tirado de uma pequena cabaça. Em Utiariti não tinham o colar das almas, talvez porque não estivessem na aldeia. Esse colar do grupo da Serra Azul tem ainda uns poucos dentes de onça amarrados nos fios de algodão.

Como estavam reunidos dentro da casa do pajé Rondon, de vez em quando esse se levantava e saía para observar o resultado da reza.

Quando terminou o eclipse, alguns prepararam chicha e todos beberam. Alguns homens amanheceram tocando a flauta sagrada na

casinha própria dessa flauta. Não percebemos a relação entre esse toque de flauta sagrada e o fenômeno do eclipse.

Uma mulher comentou comigo que o atasu colocara nessa noite sujeira na lua porque eu estava sempre falando em atasu.

Nunca assistimos a um eclipse do sol entre os Nanbikuára. Mas na aldeia do Sapezal e na da Serra Azul, disseram-me que o fenômeno tem as mesmas causas e terá as mesmas conseqüências, se nanbikuára não rezar.

As almas são ainda mensageiras entre as várias aldeias, "como um rádio", expressou-se um informante. Às vezes trazem espontaneamente as notícias, às vezes por meio de uma cerimônia dos nanbikuára.

Espontaneamente, as almas vêm à aldeia trazer uma notícia ou para ver como as coisas andam.

Quando um nanbikuára espirra muito forte, a alma pode estar na casa da jararaca ou no mato, para, de noite, vir beber chicha e água. De manhã cedo, se a água está suja e a chicha azeda, é sinal que a alma bebeu. Jogam fora tanto uma, como outra. Se alguém as bebe, vomita muito, embora não morra.

Quando nos achávamos pesquisando na aldeia do Sapezal, Capitão Antônio fora informado por uma alma de que daí a dois dias chegaria um grupo da aldeia da Serra Azul.

A alma de um indivíduo vivo poderá também vir dar uma notícia.

Nem todos são capazes de receber comunicados. As almas aparecem a particulares, sobretudo ao uaníndisu. Assim, o uaníndisu Aristides viu há pouco tempo a alma de Katunkulusu.

Por ocasião de uma visita espontânea das almas à aldeia, nada acontece de mal, como ficar doente, machucar-se, meter um espinho no pé. Mas se as almas percebem que alguém zanga ou fala mal, ou reclama de outro, logo se retiram. Só acontece alguma coisa de mal, quando a alma não está. Então, é preciso estar sempre alegre, para as almas chegarem.

De 28 para 29 de março de 1969, Rondon cantou toda a noite. Eram duas almas que vieram do Bacaiuval visitar o Bacana. Vão passar um dia aqui e depois vão voltar. Essas duas almas estão por aqui, mas ninguém pode ver. Falam que vieram ver se o pessoal está bom aqui. Elas vão voltar amanhã para o lugar onde moram. Então hoje à noite, Rondon vai fazer uma cantiga, para falar com estas duas almas.

Assistimos a um caso de presença das almas, provocada por uma cerimônia. Lourenço e eu fomos um dia fazer uma breve visita a um grupo nanbikuára do rio Galera, acampado temporariamente a setenta quilômetros da aldeia da Serra Azul. Tomamos conhecimento de que um índio desse grupo saíra há tempo para caçar e não voltara mais. Um civilizado trouxera a notícia de que um porco-do-mato o havia matado e viu sua caveira.

Na Serra Azul, duvidaram dessa história, porque um porco não mata um nanbikuára facilmente. Convidaram o uaníndisu Rondon para esclarecer o fato.

Rondon enfiou uma taquara no chão, inclinada para o rumo da aldeia do Galera. Dependurou na ponta da taquara uma flecha que Lourenço havia trazido do acampamento nanbikuára do Galera. Em cima da ponta da flecha amarrou ainda um pouco de fumo dentro de um algodão. Tirou o colar das almas de uma cabaça, acendeu um grande cigarro e espalhou muita fumaça em cima do colar e em seguida dependurou o colar junto com a flecha. Colocaram um plástico em volta por causa do vento. Puseram-se todos em roda, cantaram, pedindo às almas que dissessem a verdade. Rondon pôs fogo à flecha. Todos olhavam atentamente.

Se o fogo não chegasse até o fumo envolto em algodão, era sinal que o porco tinha matado o nanbikuára. Se os dentes do colar mexessem, os índios do Galera estavam pensando que quem matou o seu caçador, eram os da Serra Azul, os mais próximos.

O fogo não chegou no algodão e os dentes não mexeram. Assim, ficaram sabendo a verdade: foi o porco mesmo que matou o nanbikuára e os do Galera não estavam pensando que tinham sido os da Serra Azul.

Nas grandes tempestades, o feiticeiro cantando, entra em comunicação com as almas para que elas se dirijam a Dà.uãsununsu e alcancem que ele desfaça a tempestade.

Diz a lenda:

Era uma família: pai, mãe, um menino e uma mocinha. Esta morreu. Enterraram no meio da aldeia. Choraram muito. No dia seguinte, muito cedo o pai foi caçar. Ao sair do sol, a mãe foi com o filhinho caçar também. Mais na frente, deixaram o beiju no xire e a água na cabaça e seguiram para frente.

De volta, a mãe ficou ali perto e mandou o menino buscar a água e o beiju. Fez o fogo. O menino voltou e disse:

— Mamãe, eu vi a alma de minha irmã, virada em uadedensu (borboleta). Ela falou que estava com sede e com fome.

— Mentira sua: ela está enterrada!. . .

— Mentira não, eu vi e escutei ela falar que está com fome e sede.

A mãe foi ver e viu a borboleta sentada num pau. Deixou uma cuia com chicha e foi para casa. Depois voltou e só encontrou a cuia. Levou a cuia e encheu de novo de chicha. Mas quando foi ver de novo, não tinha mais nada.

LENDAS DOS ÍNDIOS NANBIKUÁRA (1).

Pe. Adalberto Holanda Pereira, S. J.
Pesquisador da Universidade Federal de Mato Grosso (2)

ORIGEM DAS NEBULOSAS

Era uma mulher e um filho já moço. Um dia de manhã, a mãe foi buscar massa de mandioca em outra aldeia e o moço saiu a caçar. Queriam comer carne com beiju.

Pela tardezinha voltou o moço com alguns cururus, tatus-bolas e tatus-cascudos. Mas a mãe não voltava.

Depois que escureceu, o moço saiu fora e se deitou no chão com o rosto para cima, olhando as estrelas, e começou a pensar: Eu vivo sozinho, não tenho ninguém... Se aquelas duas estrelinhas fossem minhas mulheres!...

E as duas estrelinhas cuspiram nessa hora na barriga do moço. Este nem ligou.

No dia seguinte, as duas estrelas apareceram na aldeia e falaram:

— Ontem de noite, você falou que queria casar conosco. Por isso, estamos aqui.

— Mas eu pensei que vocês não vinham...

— Vamos juntos para cima, a casa já está pronta.

— Vocês estão brincando comigo. Acho que vocês não me querem levar.

— Verdade mesmo, vamos!

— Mamãe foi ontem buscar mandioca e não voltou ainda. Eu não posso ir sem falar com ela. Vocês vão e voltem depois.

— Nós já falamos com sua mãe e ela disse que você podia ir.

— Se vocês já falaram com minha mãe e ela deixou, então vamos.

E o moço foi. A mãe vinha vindo e escutou toda a conversa, mas quando chegou, o filho já tinha ido. (3).

---

(1) Cfr. Pe. Adalberto Holanda Pereira. Os Espíritos Maus dos Nanbikuára. Pesquisas, Antropologia n.º 25, pp. 13—28, 1973, São Leopoldo.

(2) O autor agradece a colaboração do pesquisador da Universidade Federal de Mato Grosso, Pe. José de Moura e Silva, na redação.

(3) Uma variante diz que as estrelas levaram o moço com a promessa de depois voltarem para avisar à sua mãe.

Os três chegaram lá em cima e foram para a casa das estrelas. Os irmãos da moça estavam fora jogando bola e os três dentro de casa achavam muita graça. Os irmãos das moças ouviram as risadas e foram ver por que riam e disseram:

— Nós agora temos um cunhado?

— Não, não é cunhado de vocês. Nós estamos achando graça, porque esse moço quer fazer uma bola e não sabe.

— Não, eu acho que esse moço vai ser mesmo meu cunhado. Deixem que ele venha jogar bola conosco.

As estrelas não queriam deixar, porque já outras vezes tinham arranjado outros moços e os irmãos haviam matado e comido. Mas o irmão tanto pediu, que as irmãs deixaram.

No jogo, um irmão da estrela deu uma cabeçada com muita força e a bola foi bater no joelho (1) do moço e este morreu. Os irmãos das estrelas cozinharam e comeram.

As duas estrelas ficaram muito tristes e choravam dizendo: — Sempre que nós arranjamos um moço, esses nossos irmãos matam e comem. E agora o que vamos fazer?

Passaram a noite pensando. No dia seguinte, as duas pegaram uns xires e umas cabaças e iam saindo. Um irmão perguntou:

— Onde vocês vão?

— Vamos andar à-toa por aí. — E foram andando pelo mato.

Chegaram ao campo, já longe. Ajuntaram uns montes de coco de tucum, cuspiram e sopraram em cima e as frutas foram estalando e virando porco-do-mato.

As moças chegaram correndo em casa e contaram para os irmãos que tinham visto muito porco no campo. Que fossem matar.

Os irmãos pegaram flechas e arcos e saíram correndo à procura dos porcos. Perderam-se todos e morreram por lá mesmo.

As moças falaram para algumas mulheres ir buscar lenha, para assar carne de porco e para outras irem buscar água, para quando chegasse a carne.

Uma mulher, quando estava apanhando lenha, bateu um pau nela e morreu. Outra, ao fazer o fogo, se queimou e morreu. Outra morreu com um corte de machado. Uma outra, com o pescoço quebrado com o peso do xire. Mais uma morreu com um pau no olho, quando ia acender fogo. Uma outra, ao buscar água, pegou um espinho no pé e morreu. Outra, voltava correndo com água, caiu, inchou o pescoço e morreu. Um cachorro mordeu mais uma mulher e morreu. Algumas foram encontrar os caçadores perdidos, mas bateram em tocos e morreram.

As crianças, quando brincavam, caíram uma por cima da outra e morreram todas. Uma morreu, porque uma moça gritou forte no ouvido dela: — Vai embora daí!

Afinal, só restaram as duas moças. E pensaram: — somos novas ainda. Como é que vamos viver sozinhas?! Vamos cair na água, para

---

(1) Uma variante diz que a bola bateu na testa do moço.

nos afogarmos, ou vamos procurar umas cobras que nos mordam? vamos fazer um fogo e nos jogarmos dentro, ou vamos pular num buraco? como vamos fazer?...

Então disse a mais velha: — vamos fazer um fogo debaixo de uma árvore e nos jogar de lá de cima dentro do fogo e morreremos assim. (1).

Está bem! — Disse a mais nova.

Quando o fogo ficou pronto, a mais velha disse:

— Você sobe e pula primeiro.

— Não, vai você primeiro. — Disse a mais nova.

— Vou mesmo! — Disse a mais velha, e subiu e se jogou no fogo.

A mais nova ainda ajuntou melhor o fogo em cima da irmã e pensou: — Eu vou ficar sozinha?... eu não! — Subiu em cima da árvore e saltou também dentro do fogo.

As nebulosas maiores que nós vemos hoje no céu, são a fumaça daquela irmã mais velha. As nebulosas menores são a fumaça da irmã mais nova. A Via-látea são os moços que morreram perdidos na caçada de porco, as mulheres e as crianças.

ORIGEM DA ROÇA E DA FLAUTA SAGRADA (2)

Um homem saiu para caçar com o seu único filho. Lá na mata, o menino parou um instante e disse:

— Escuta, papai, estou ouvindo o canto de uàãiru (flauta).

O pai procurou escutar e disse: — Não estou escutando nada, filho.

Continuaram andando. Um pouco mais adiante, o menino disse:

— Olhe, papai, que mata bonita para uma roça!

O pai não entendeu o que o filho queria dizer com isto e seguiram. O menino parou um pouco e urinou. Era só espuma a urina dele. Disse para o pai:

— Veja, papai, urinei igual a espuma de mandioca!

Mas o pai não sabia o que era espuma de mandioca. O filho afastou-se ainda um pouco e cagou. Disse para o pai:

— Olha, eu caguei duro. Parece até que eu comi mandioca!

— Mas não existe mandioca, filho!

O menino viu ainda umas formigas carregando umas folhas.

— Venha ver, papai, parece que essas formigas estão carregando folhas de mandioca!

O pai olhou: — Isto é uma folha qualquer e não de mandioca, filho!

Bem perto ainda deram com formiguinhas carregando uma coisa branca:

— Veja papai, essas formiguinhas estão levando massa de mandioca!

---

(1) Uma variante diz que as duas moças fizeram fogo dentro de um buraco e quando criou muita brasa se jogaram lá dentro.

(2) Cfr. ainda Desidério Aytai: As flautas rituais dos Nanbikuára. Revista de Antropologia, Vol. 15 e 16, pp. 73—74, 1967—68, São Paulo.

O pai corrigiu: — Não é massa, isso é areiazinha branca!

Continuaram andando. Agora o menino ia sempre olhando para ver se achava um lugar que não fosse muito seco. Quando chegaram numa mata bem bonita e molhada, o menino parou e disse ao pai:

— Eu já estou muito cansado. Você me arrasta aqui dentro deste mato, fazendo uma roda.

— Eu não faço isso, você vai se machucar!

— Me arrasta assim mesmo!

— Acaba com essa história, menino, vamos voltar pra casa!

— Não, papai, me arrasta!

Depois de muita insistência, o pai resolveu arrastar o filho pelo chão. No fim, largou o filho e esse falou:

— Agora você pode voltar para a casa, eu vou ficar aqui. Amanhã você volta com meu tio e meu cunhado. Mas mamãe, minha cunhada e minha tia não podem vir.

Então o filho ficou naquele lugar e o pai foi embora pra casa pensativo e triste, porque aquele era o único filho e mesmo não sabia por que o filho queria ficar sozinho. Em casa a mulher perguntou:

— Onde ficou o nosso filho?

Mas o pai não respondeu nada.

No dia seguinte, o pai voltou com o cunhado e o tio do menino. Quando foram se aproximando do local onde ficara o menino, ouviram uma flauta.

— Ah, por isso que meu filho dissera que ouvira esse toque...

Tomaram a direção do toque. Mas quando iam perto, o toque passou para trás. Voltaram e quando se aproximaram outra vez, o toque mudou pra roça de novo.

Depois de irem e virem várias vezes, por fim, encontraram as flautas, mas não viram o menino.

As flautas estavam no meio de uma roça. Do espinhaço do menino, nasceu a rama de mandioca; da mão, a folha da mandioca; dos dentes, o milho; dos testículos, o cará; do joelho, a taioba; da tíbia, a araruta; da unha, o amendoim e a semente de cabaça; do sangue, o urucum vermelho; dos dedos, o açafrão; da cabeça, a cabaça; das lêndeas de piolho, o fumo; da carne, a massa de mandioca; dos miolos da cabeça, o polvilho; das costelas, o feijão comprido; dos ossos das mãos, as raízes pequenas de mandioca; do fêmur, a raiz grande da mandioca; da sobrancelha, o feijão-fava; da orelha, a casca do feijão-fava e a casca da araruta; dos cabelos, os cabelos do milho; dos pulmões, o urucum amarelo; do coração, a arauta redonda; da perna, a araruta comprida; do fel, a pimenta; do olho, o amendoim; da língua,

Mas quando foi para replantar a mandioca, o homem não sabia: plantou a raiz e não a rama. Então a alma do menino apareceu e ensinou como devia replantar e usar: da mandioca, se planta a rama; não pode comer o urucum, só passar no corpo, para melhor trabalhar, sendo que o homem passa o urucum vermelho e a mulher o amarelo; não comer a folha da araruta, mas sim a raiz; não comer a folha do beiju; do braço, a flauta sagrada.

fumo, mas fumar; do feijão, plantar o grão e não a rama; plantar a raiz do cará e não a rama... E assim foi ensinando.

Outro dia, o pai escutou o filho gritar:

— Olhe, papai, a formiga-carregador está levando as folhas das plantações!

O pai queimou todas as formigas da roça.

Chegaram Nanbikuára de outras aldeias e pediram rama de mandioca. O homem não deu, porque era nova. Deu só a massa.

O HOMEM VIRA TAMANDUÁ-BANDEIRA

Um homem pediu pena de gavião a um outro homem.

— Eu não posso dar.

— Será que você não me pode dar ao menos uma, para flecha?

— Não, eu não dou nenhuma, mas posso mostrar o gavião, o dono das penas.

— Então me mostra onde mora o gavião.

O homem levou o outro até uma árvore distante, onde morava o gavião, e subiu com ele até em cima.

O gavião voou para longe. A homem que levou, desceu e fez a árvore engrossar e foi embora. O outro ficou lá em cima, sem poder descer.

Passado um tempo, o caxinguelê chegou pulando nos galhos das árvores.

— Você é feliz, pode pular e descer quando quer! Eu estou aqui preso, morrendo de fome e sede...

— Como você ficou preso aí?

O homem contou.

— Então — disse o caxinguelê — gruda nas minhas costas e eu desço você no chão.

— Não, você é muito pequeno, cai comigo e eu morro!

O caxinguelê foi embora. Não demorou muito, apareceu o sagüi.

— Você está bem folgado, enquanto eu estou aqui em cima morrendo de fome e de sede!

— Como que você ficou preso aí, sem poder descer?

O homem tornou a contar.

— Se quer, eu posso descer você. Quer ver? Gruda aqui nas minhas costas e levo você até o chão.

— Não, você é muito pequeno, não pode comigo: me derruba no chão e morro.

O sagüi foi embora. Apareceu o urubu preto voando sobre o homem por cima da árvore.

— Você é muito feliz: voa à vontade, enquanto eu estou penando aqui nesta árvore!

— O que está você fazendo aí?

O homem contou mais uma vez. Logo mais passava também o urubu-branco. O urubu-preto disse ao urubu-branco:

— Tira daí esse homem que está preso nessa árvore, sem poder descer e está morrendo de fome e sede. Eu só sei voar muito depressa e assim ele cai. O urubu-branco disse para o homem:

— Monta nas minhas costas, segura bem e fecha os olhos!

O homem estava com medo de cair, mas como não agüentava mais de fome e sede, arriscou. Perto já do chão, o urubu disse:

— Agora você coloca os pés no chão e abre os olhos. Fica aqui ainda um pouco que vou buscar água e alguma comida para você.

Logo voltou trazendo água, batata e carne. Deu ainda ao homem três cigarros, dizendo:

— Fuma esses dois, e esse aqui, não pode fumar, porque dá tontura. Dá para aquele homem que prendeu você na árvore.

O homem foi fazer como o urubu mandou. Os dois homens se encontraram e o que tinha prendido disse:

— Você ainda teve jeito de escapar! — E logo perguntou:

— Você tem fumo aí?

— Tenho sim. — E deu o cigarro que deixa tonto.

O homem deu apenas três ou quatro tragadas e disse:

— Mas como esse fumo é forte, cunhado! — Falou e foi andando para o mato.

Então o homem que deu o fumo pegou um cabo de machado e bateu com ele no pé do outro e os pés viraram pés de tamanduá-bandeira. Jogou umas palhas de pacova e viraram o rabo de tamanduá-bandeira. Mais um pedaço de pau, para dizer que se mata tamanduá com pau. Jogou mais umas formigas, porque dali para a frente aquele homem ia sempre comer formiga. Jogou ainda uma cabaça que virou o focinho de tamanduá. Agora aquele homem é também tamanduá-bandeira.

Jogou por fim uns pauzinhos de fazer fogo, para dizer que Nanbikuára faz fogo e assa tamanduá-bandeira.

O tamanduá nem viu a sua casa e passou de lado e ficou andando no campo.

Uns dias depois, umas mulheres encontraram o tamanduá-bandeira comendo formiga e vieram contar para o homem. Este disse:

— Deixe que ele engorde bem, para depois eu matar e comer.

Mas uns homens de outra aldeia também encontraram aquele tamanduá numa caçada e o mataram e contaram para o homem. Este disse:

— Aquele tamanduá-bandeira era um velho que saiu daqui faz dias. Vocês podem comer. Eu não quero.

Até hoje Nanbikuára mata e come tamanduá-bandeira.

A VINGANÇA DO GAVIÃO

A cascavel mordeu no pé da filha do gavião e essa morreu e o pai enterrou. O gavião ficou muito triste e todo dia cedo, chorava assim: uaikaun... uaikaun...

Uma lagartixa que anda sempre na beira do rio, ouviu o gavião chorar e veio ver o que era:

— Por que você está chorando?

— A cascavel picou a minha filha e ela morreu.

— Eu sou amiga da cascavel. Vou ver se foi ela que matou mesmo a sua filha.

A lagartixa foi e voltou contando que viu um homem, uma mulher e as crianças dentro do buraco e viu ainda uma flecha quebrada com sangue na ponta: — Foi a cascavel mesma que matou a sua filha.

O gavião resolveu matar a cascavel, mas esta nunca saía do buraco com medo do gavião.

O gavião preparou uma flecha de várias pontas e uma espada. Chamou o beija-flor para ajudar a matar a cascavel. Os dois se puseram em cima num pau perto do buraco da cascavel.

O beija-flor passou voando por cima da casa da cascavel e se escondeu. Bateu forte a asa, para dizer que era trovão. Fez assim algumas vezes. Os filhos da cascavel saíram fora para ver se ia chover. Mas o céu estava limpo e era o tempo da seca.

Chegou ainda o beija-flor grande e aumentou o barulho. Os filhos da cascavel saíram de novo para ver: o céu limpo, sem nuvem alguma. Perguntaram para o pai:

— Por que está trovejando agora no tempo da seca?

Mas os pais nem se importaram.

No dia seguinte, o barulho foi maior ainda. Aí foi que as cascavéis grandes saíram para ver. O gavião estava preparado para flechar.

O marido saiu, olhou e voltou. Aí a mulher botou só a cabeça fora do buraco para ver o tempo.

— Ah, foi você que mordeu minha filha... — Pensou o gavião, flechou e matou.

O gavião desceu correndo e com a espada cortou toda a cascavel em pedacinhos do mesmo tamanho. O pai com as crianças escaparam.

O gavião ficou alegre, largou os pedaços da cascavel ali e foi embora. Do sangue da cascavel nasceram a aranha, o rato, a lacraia e a cobra de duas cabeças.

O RABO DA PREGUIÇA

Antigamente só o macaco-preguiça tinha rabo.

Um dia os animais estavam tomando banho e chegou a preguiça e ficou em cima de um pau, zombando deles. Dizia:

— Vocês são uns cotós!

Alguns animais pularam para pegar a preguiça e arrancar o rabo, mas a preguiça encolheu o rabo enrolando para cima. Os animais largaram.

A preguiça desenrolou o rabo e tornou a xingar.

Alguns animais ainda voltaram para pegar a preguiça, mas essa enrolou o rabo de novo. Os animais foram embora.

No outro dia, voltaram para tomar banho. Combinaram com o caxinguelê:

— Nós vamos ficar aqui dentro da água, como quem não quer nada. Você, o mais ligeiro de nós, vai tentar pegar o rabo da preguiça.

Chegou a preguiça, desceu e começou a xingar de novo.

O caxinguelê foi por ali assim, deu um pulo rápido e segurou com força o rabo da preguiça e gritou para os companheiros. Chegaram e ajudaram o caxinguelê a derrubar a preguiça, puxando pelo rabo. Cortaram e repartiram o rabo por todos eles e ainda arrancaram a cabeça da preguiça e pregaram no lugar do rabo e deixaram a preguiça no pau de novo.

E o macaco-preguiça ainda está lá hoje muito triste.

A ORIGEM DA NOITE

Não havia a noite. O sol ficava parado no meio do céu. Os bichos moravam todos dentro de um buraco.

Um pajé tinha duas cabacinhas, uma preta e outra branca. Dentro da preta, guardava a noite; dentro da branca, o dia. Quando um homem queria dormir, o pajé abria um pouco a cabacinha preta. Quando era para acordar, abria a branca. O tempo escuro sempre era mais curto que a noite de hoje.

Um dia o pajé saiu. Deixou o urutau tomando conta das duas cabaças. Explicou bem como devia fazer.

O urutau sacudiu a cabacinha do dia e viu que não tinha nada dentro. Mas ainda assim abriu e olhou: era tudo claro lá dentro. Depois abriu a cabacinha preta: só tinha escuridão. Mas olhou bem e ainda deu pra ver umas contas pretas dentro dessa cabaça. Quis tirar essas contas para pôr no pescoço. Mas ao tirar, a cabacinha rebentou e nessa hora saiu de dentro a escuridão e se espalhou por todo o mundo.

O urutau voou, sentou num pau e começou a gritar: — u...rutau — u...rutau.

O pessoal que ainda estava em casa, agarrou-se um no outro, com medo. Os caçadores se perderam no meio da escuridão: alguns morreram e outros, assim mesmo, chegaram em casa. As coisas foram virando bicho. A flecha virou aquela cobrinha meio-cinza do campo; a cuia virou cágado; o xire, onça. As pintas da onça lembram os trançados daquele xire.

Depois deu ainda um grande vento e levou toda a gente, ninguém sabe para onde, menos a irmã do pajé. (1).

O pajé vinha vindo ainda longe, quando viu o mundo escurecer. Perto da casa, escutou o urutau gritar.

— O que aconteceu, urutau?

---

(1) Uma variante diz que os homens ficaram todos na escuridão, sem poder trabalhar e com fome e tontos, e sem poder procurar o que comer e morreram todos.

— Eu fui tirar as continhas e a cabacinha quebrou e ficou tudo escuro e agora eu estou aqui gritando, porque não sei mais voltar para casa. (1).

— Por que você fez isso? Eu não falei que era para abrir só um pouquinho de tempo?

Então pegou o urutau, quebrou o pescoço dele e deixou lá no pau mesmo.

Depois de um tempo, o pajé teve uma filha. Ela acordava na hora em que, um dia, o sol havia de nascer.

Quando a criança já estava engatinhando, o pajé mandou a sua mulher dar um banho na filha, pintar o rosto de urucum, deixando um risco. Mandou também levar a menina fora e virar o rosto dela para o nascente, depois para o poente e mais uma vez para o nascente.

Não custou, apareceu um clarão para o lado do nascente. Foi clareando, clareando e veio o sol.

— Agora temos o dia outra vez! — disse o pajé — Dà.uãsununsu marcou o dia e a noite para nós, porque viu, mesmo no escuro, o rosto da criança.

O pajé teve mais um menino. Quando os dois irmãos ficaram grandes, casaram. Os primeiros netos do pajé foi um casal, que casou ainda entre si. Aí começou a aumentar de novo o Nanbikuára.

A CONQUISTA E A ORIGEM DO FOGO

Quando os Nanbikuára saíram da pedra, não tinham fogo. Assavam no sol a massa de mandioca para fazer beiju. O tamanduá-bandeira ia sempre à aldeia dos Nanbikuára pedir massa e levava para a sua casa.

Um homem foi caçar. Sentiu o cheiro de fogo no mato. Procurou, procurou, mas só achou um pedaço de beiju assado. Pegou e trouxe para a casa e mostrou. Saiu mais uma turma de homens, para procurar mais beiju assado. Não achou nada.

No outro dia foram de novo. Acharam mais um pedaço de beiju bem assado, que estava até queimado. O tamanduá-bandeira seguiu o rasto deles.

Os homens voltaram mais uma vez a procurar beiju assado e viram o rasto do tamanduá em cima do rasto deles. Como o tamanduá ia sempre buscar massa, desconfiaram que ele assava o beiju com o fogo. Por isso, um homem foi sondar o tamanduá-bandeira. Ficou olhando, um tanto longe da casa.

Viu o tamanduá pegar dois pauzinhos, esfregar um no outro e sair fumaça. Depois viu encostar umas folhas secas e soprar e acender o fogo. Assou beiju e comeu. Mas nessa hora, o homem fez um pouco de barulho e o tamanduá-bandeira apagou o fogo e se deixou com a cabeça perto dos pauzinhos de fazer fogo.

---

(1) Uma variante diz que o urutau abriu por muito tempo a cabaça e foi ficando tudo escuro. O pajé ainda fechou depressa a cabacinha da noite, mas não teve mais jeito.

O homem voltou para a casa e convidou a abelha mamangava para ir com ele roubar o fogo do tamanduá. A mamangava foi.

Já perto da casa, ouviram bater de machado cortando lenha. O homem falou para a mamangava:

— Vai. Quando você estiver perto de tirar o tição de sumaneira, você grita assim: — gi, gi... E aqui eu me preparo para correr.

Era meio-dia. A mamangava foi devagarzinho e se meteu dentro da sumaneira e foi roendo, roendo... O tamanduá escutou barulho e virou o pau de lenha, olhou e disse: — Não é nada.

A abelha continuou roendo. O tamanduá ouviu mais um barulho. Olhou de novo, mas ainda não viu nada.

Daqui a pouco a abelha gritou alto: — gi, gi... — E saiu voando com o fogo. O tamanduá-bandeira pegou ligeiro uma vara, mas não deu tempo. A mamangava disse:

— Até logo, seu pé-de-machado, seu fogo vai comigo!

O tamanduá ainda jogou a vara na abelha, mas ela já ia longe. O tamanduá gritou:

— Esse fogo é perigoso, pode queimar criança, vocês não sabem!

O homem correu também com a mamangava. Chegaram à aldeia e repartiram o fogo e assaram beiju. O homem aproveitou quando foi caçar e lá no mato assou carne. Depois de uns dias deu febre numa criança.

O homem tocou fogo no campo. Queimou tudo até ficar limpo. No fim apagou tudo e agora acabou o fogo do tamanduá-bandeira. Os Nanbikuára ficaram outra vez sem assar carne e beiju.

Um homem achou um pauzinho seco e fino e esfregou um pedaço no outro e teve o fogo novamente. E agora fazem o fogo com esses pauzinhos toda a vida. E sempre põem fogo no campo.

Mas o fogo se alimenta com carne. Quando não tem carne, o fogo fica pequeno, triste e morre. Quando tem carne, a gente acende o fogo grande. Quando o fogo fica pequeno, é porque não tem carne. O fogo se alimenta do caldo da carne.

Um dia o tamanduá-bandeira foi buscar o fogo na aldeia. Apagaram o fogo para o tamanduá não ver.

A FRUTA HOJE TEM TEMPO

Ainda no tempo dos primeiros pajés, as crianças queimaram uma unha do dedão do pé de um velho. E aí, quando o velho mexia o pé, as crianças achavam muita graça.

O velho de tardezinha, pegou um xirezinho e saiu. A criançada ficou à espera do velho. Não demorou, o velho chegou com o xirezinho cheio de jaboticaba, mangaba, marmelada e outras frutas. As crianças comeram. O velho disse:

— Vocês também podem apanhar essas frutas. As crianças saíram e voltaram dizendo:

— Nós não achamos nada!

— Vocês devem seguir o meu rasto!

As crianças foram de novo pelo rasto e voltaram dizendo:

— Mesmo indo pelo seu rasto, nós não achamos nada!

— Mas como é que vocês não acharam? Tem tanta fruta lá!

— Então, por que você não vai também?!

O velho foi, as crianças segurando no braço dele e cada um levou um xirinho.

As crianças não viam fruta nenhuma. O velho mandou as crianças aparar com os xirinhos debaixo dos galhos das árvores e ele ia sacudindo. Caía fruta de tudo quanto era espécie.

A criançada achava interessante como que não viam fruta nas árvores e o velho balançava os galhos e caía fruta. Por isso, achavam graça dele e o velho nem percebia.

Dois meninos viram as frutas. Um deles sacudiu também e o outro aparou com o xirinho. Caiu só uma fruta de jaboticaba. O que estava aparando disse:

— Caiu uma fruta!

Comeram logo.

Balançaram mais e não caiu fruta. Balançaram de novo... e nada. Por mais que balançassem, não caiu fruta mais nenhuma. O velho disse:

— Vocês dois fiquem aqui em cima da árvore. Agora não tem mais fruta.

Então o velho deixou os dois guris em cima da fruteira e voltou com as outras crianças para a casa. No outro dia, o velho foi buscar fruta de novo e trouxe o xire cheio. As crianças falaram:

— Mas vovô, como é que nós nunca vimos essas frutas no pé? Ainda ficou muita?

— Deixa, que amanhã vocês vão apanhar muita.

De fato, no dia seguinte as crianças apanharam muita fruta. O velho mandou fazer muita chicha com aquelas frutas. Então um guri disse para o velho:

— Vamos cantar para os dois meninos?

— Vamos! — Disse o velho. Mas nem o velho, nem os meninos sabiam cantar. O velho cantou assim mesmo:

Kaiaiali aitera?ê
kaiakakarunã
kaiaiali aitoraê
há, há há.

Cantaram e beberam chicha até o amanhecer. De manhã as crianças foram buscar fruta e não acharam mais nada.

Se os dois meninos na árvore não tivessem comido logo a jaboticaba, tinha caído muita fruta e todo o tempo tinha pra gente comer.

O MIJO DA CIGARRA

Um homem derrubou uns pés de buriti e deixou as frutas lá no lugar para amadurecerem.

Quando foi ver, encontrou só os caroços. Em casa contou para os outros.

Quem será que comeu as frutas? — Pensaram.

No outro dia de madrugada, o homem foi sondar para ver quem era. Ficou lá esperando. Logo chegou um bicho muito barrigudo. O homem viu que era a cigarra, acompanhada de outra cigarra bem magra. A cigarra barriguda chegou e sentou com um beiju grande na mão. A companheira deitou.

O homem pediu um pedaço de beiju, mas a cigarra só deu um pedacinho de nada e já foi voando. O homem ainda deu um tapa na barriga da cigarra. Essa ficou enganchada nuns galhos e escorreu todo o buriti que comeu. O resto da cigarra ficou lá dependurado igual a uma teia de aranha. A companheira ficou só vendo aquilo e continuou deitada triste no chão.

O homem chegou perto da cigarra magra e disse:

— Eu vou matar você com um pau!

Mas a cigarra não respondeu nada, nem se mexeu. O homem ainda tocou nos pés da cigarra para ver se reagia. Nada.

Nessa hora, a cigarra mijou no olho do homem. Esse caiu para trás, gritando de tanto arder e doer: — ai, ai, ai!

A cigarra levantou vôo para ir embora. O homem ficou pedindo socorro. Mas a cigarra nem ligou.

VARIANTE DESTA LENDA:

Um velho tirou um cacho de buriti e deixou lá no mato, para amadurecer. Mas um outro velho ia sempre comer o buriti. O primeiro velho viu que tinha gente comendo o seu buriti, mas não via ninguém. Um dia resolveu ir bem cedo sondar o ladrão. O ladrão apareceu com um pedaço de beiju na mão. Era muito barrigudo. O dono perguntou:

— É você que está roubando o meu buriti? — E pediu um pedaço do beiju. Mas ele só deu um pedacinho.

O dono pediu mais um pouco. Quando o velho deu o beiju, o dono do buriti agarrou o velho e espremeu até rebentar a barriga. O ladrão morreu.

O dono do buriti foi embora e voltou no outro dia para ver. Encontrou ali perto o biquinho de um coró muito mole. O velho parou e olhou. Nessa hora, aquele biquinho mijou bem no olho dele e ardeu igual a pimenta. Então ele compreendeu que aquilo era a alma do velho que ele matou.

O biquinho do coró voou e foi embora e o velho ficou ali mesmo gritando de dor.

A MULHER E A ANTA

Um homem saiu com a mulher para caçar. Ouviram a anta assobiar. O homem disse para a mulher:

— Fica aqui que eu vou atrás dessa anta!

Flechou, mas a anta correu para o lado da mulher. Pegou a mulher, pôs nas costas e correu com ela, e não deixou mais a mulher descer.

Uma hora, a mulher pediu para mijar e a anta disse que podia mijar em cima mesmo. A anta dormiu com a mulher.

Um dia chegaram debaixo de um cajueiro, onde a mulher comia caju.

— Vamos comer caju aqui! — Disse a mulher.

A anta desceu a mulher. A mulher pegou caju no chão, abriu e disse mentindo:

— Esses aqui do chão estão podres, cheios de coró. Sobe lá em cima para sacudir e cair caju bom!

A anta foi subindo. A certa altura, perguntou:

— Você está aí no chão?

— Estou.

Subiu mais e perguntou de novo:

— Você está aí no chão?

— Estou sim.

Mais em cima perguntou outra vez:

— Você está aí no chão?

— Ainda estou! Sobe mais e sacode aquele galho que tem mais cajus.

A anta subiu mais e sacudiu o galho. Na hora, a mulher aproveitou e fugiu. A anta ainda perguntou e tornou a perguntar e reparou que a mulher fugiu.

A anta desceu e foi seguindo o rasto da mulher e chegou na maloca dela. Na hora que chegou, a criança nasceu. A anta foi para perto da mulher, mas esta correu.

O pessoal da aldeia agradou à anta e alguns perguntaram para ela qual é o lugar do corpo de uma anta, que acertando mata ou não mata. A anta ensinou:

— Se pega no braço, não acontece nada. No fígado, também não. No bucho, também não importa. Mas se acertam na banda da costela, aqui não digo nada. Os Nanbikuára prestaram bem atenção.

Agora foram mostrando flechas para a anta e perguntando. Ela continuou ensinando. Mostraram a flecha de fisga. A anta explicou: Esta é a tripa da anta: não faz nada com ela. Trouxeram a flecha de cabeça redonda. A anta disse: — Essa também não faz nada com a anta.

Agora foi a jurupará. A anta fez: — Hum! Agora sim!

Os Nanbikuára de novo prestaram bem atenção. E agora já conheciam a flecha e o lugar que mata. E já mataram ali mesmo aquela anta. Mataram também o filho dela.

O CASTIGO DE UMA MULHER

Curiangu era gente. Um homem casou e vivia com sua mulher e a sogra. Um dia, estando sua mulher já grávida, o homem saiu a caçar com ela, ficando a sogra em casa.

O homem comia cupim e a mulher só filhote de marimbondo, porque estava grávida. Mas a mulher queria comer cupim e o homem dizia que não podia.

Mais na frente, separaram-se um pouco e a mulher comeu cupim escondida. Quando se encontraram de novo, o marido desconfiou e perguntou:

— Você comeu cupim?

— Não, não comi cupim, eu comi só filhote de marimbondo.

Mas o homem não acreditou na mulher e examinou os dentes e encontrou uns restos de cupim. Zangou, pegou uma corda de tucum, amarrou a mulher pelo pescoço e saiu arrastando até a mulher morrer. (1). Ainda assou e comeu a mulher, deixando só a criança, e voltou para a casa. Em casa a sogra perguntou:

— Onde está a minha filha?

— A criança nasceu no mato e sua filha ficou lá. Pode ir lá ver. Mas vai pelo meu rasto, para você poder encontrar. (2).

A sogra pegou uma cabaça de água e saiu à procura de sua filha. Lá na frente, gritou pela filha. Mas não respondeu. Gritou mais ainda. Então ouviu: — u... u... u... — Era a alma da filha virada em juriti.

A velha seguiu na direção do gemido da juriti. Achou um girau com sinais de fogo embaixo: — Aqui aquele homem matou e comeu minha filha! — E chorou.

Voltou para a casa, onde encontrou o genro dormindo. Pegou um pau e começou a bater nele. Esse acordou e saiu correndo para o mato e nunca mais apareceu. (3).

A velha sogra ficou sozinha e triste na casa.

O ENGANO DOS BICHOS

A mãe dos tatus-galinhas saiu e deixou os filhotinhos em casa. A onça matou a mãe dos tatuzinhos. Depois chegou na casa e encontrou os tatuzinhos.

— Onde foi a mamãe?

— Ela saiu e não voltou mais. Nós estamos achando que você comeu.

— Eu não vi a mãe de vocês. Como vocês são bonitinhos! Como é que a gente faz para ficar assim?

— Você quer ficar bonita também? Nós podemos ensinar.

Pegaram a corda e amarraram a onça bem apertada.

— Assim dói!

— Você tem que agüentar: é só assim que você fica bonita!

Ainda molharam a corda para apertar mais.

---

(1) Uma variante diz que quebrou o pescoço da mulher.

(2) Uma variante diz que uma tocandira mordeu a mulher e esta não podia andar.

(3) Uma variante diz que a velha pegou um machado de pedra para matar o homem. Este virou uma pedra muito dura, para a velha não poder matar. A velha quis quebrar aquela pedra, mas não pôde. Acendeu um fogo em cima da pedra e mesmo assim, a pedra não quebrou. A velha foi para outra maloca. Depois de um tempo voltou para ver e o homem ainda era pedra.

— Está doendo, eu já não estou agüentando mais!

— Agüenta aí, porque já está ficando bonita!

Foi indo, a onça morreu. Limparam o chão, e puseram a onça ali. Chamaram todos os bichos.

Chegaram os animais. Nesses tempos só a onça tinha pêlo. O pêlo da onça foi repartido para todos os bichos.

A cotia pegou um pedaço do couro e comeu: — kik, kik, kik — E entrou no oco do pau e disse:

— Agora eu vou fazer sempre assim e a onça nunca vai me pegar.

A paca comeu também e saiu correndo fazendo: tibon, tibon, tibon... — Entrou na água e disse:

— É assim que eu vou fazer, quando a onça quiser me pegar.

A anta também comeu, assobiou e caiu no rio: — Fazendo assim, a onça nunca me pega.

Cada bicho comeu e pensou a mesma coisa.

Quando os bichos saíram dali, caiu um pinguinho de sangue da onça e virou jaguatirica, para pegar os animais pequenos, como o rato, a cotia. De um segundo pingo maior, nasceram as onças de hoje, para pegar os animais grandes, como o veado.

A jaguatirica já matou um rato. O companheiro dele espalhou a notícia. Matou também uma cotia e se espalhou a notícia.

A onça matou um veado. Todo o mundo soube também.

Até hoje é assim: não houve jeito dos animais escaparem da onça e da jaguatirica.

A MORADIA DOS ANIMAIS

De primeiro, os animais viviam todos num buraco. Os animais tinham um dono e este morava perto do buraco.

Quando um Nanbikuára queria comer carne, ia pedir ao dono. Esse soprava na boca do buraco e saía algum animal. Se era de sorte, saía um animal bom, como por exemplo uma anta. Se não tinha sorte, saía um animal ruim, como um gambá ou um rato ou uma caninana. Mas o dono não soprava duas vezes.

Um dia, o dono dos animais viajou e deixou outro homem para cuidar dos animais. Chegou um Nanbikuára atrás de carne. O homem soprou na boca do buraco e saíram um gambá e uma caninana.

— Ah, eu queria uma caça boa! Você não quer soprar de novo pra mim?

— Não, eu tenho que fazer como o dono dos animais me mandou. Só posso soprar uma vez.

Mas o Nanbikuára começou a teimar.

— Eu não sopro. Se você quiser, pode soprar e eu vou embora.

O homem saiu e o Nanbikuára soprou mais duas vezes. Então saíram todos os animais do buraco, começando pela cotia e se espalharam todos.

O Nanbikuára, com vergonha, não matou nada e foi embora. O homem que cuidava, quando viu aquilo não disse nada, ficou quieto.

O dono dos animais vinha voltando da viagem e de repente encontrou um tatu cascudo. Tomou um susto e falou:

— Nunca vi esse animal aqui fora!

Cavou um buraco no chão, deixou o tatu cascudo lá dentro.

Logo mais encontrou uma anta: limpou um lugar para ela e largou lá. Mais na frente, deu com uns caititus: ajuntou todos e ficaram por lá. Encontrou ainda um macuco: pôs em cima de uma árvore e deixou lá. Encontrou uma paca: fez um buraco com suspiro e deixou a paca dentro.

Chegou em casa e se queixou com o homem que tinha ficado no lugar dele. O homem respondeu:

— Deixa os animais soltos assim mesmo!

Por isso, os animais hoje vivem espalhados.

O FILHO QUE SABIA CAÇAR

O velho Ne.àlusu foi caçar com o filho. Achou rasto de tamanduá-mirim e pediu ao filho que ajudasse a seguir o rasto. Mas o filho não quis ajudar o pai. O velho pediu ainda algumas vezes. E o filho não ajudou. Aí o pai zangou e o filho também. O filho disse:

— Deixa esse rasto e vamos embora!

Mas o pai ainda queria ir atrás do rasto.

Por fim, o pai largou e ia voltando para a casa, quando o filho disse:

— Vamos entrar aqui direto!

Foram sair bem em cima do buraco do tamanduá-mirim. O filho olhou o buraco e disse:

— Cavoca bem aqui!

O pai cavocou e ali achou e matou o tamanduá-mirim. Voltaram contentes para a casa.

Noutro dia, saíram de novo a caçar. Deram com rasto de tatu-cascudo. O filho disse:

— Deixa este rasto e vamos em frente.

O pai não falou nada, por causa da outra vez. Saíram em cima do buraco do tatu. O filho olhou e disse:

— O buraco começa reto, mas depois faz uma curva e é ali que o tatu está. Fura aqui em cima da curva!

O pai ficou alegre e gostando mais do filho. O velho não contava para ninguém como o filho sabia caçar. Era só sair com o filho, trazia caça.

Os outros notaram isso, jogaram veneno no filho e mataram. O velho ficou muito triste. Foi caçar e tinha de seguir o rasto dos bichos e sumiam. Então apareceu a alma do filho:

— Seguir o rasto é muito difícil, deixa comigo de novo.

A alma guiava do mesmo jeito como antes e o velho continuou sempre matando. Então os pajés viram que a alma do filho estava

ensinando ainda a caçar e roubaram a alma dele para não ajudar mais a Ne.àlusu.

Kalu?kakusu (formiga) que vem certo na ferida da gente, está sempre lembrando essa história.

A EXPERIÊNCIA DO SOCÓ

O robafo engoliu o filho do gavião. O pai foi esperar o robafo na beira do rio. Chegou o socó para pescar e encontrou o gavião.

— Você está pescando? Já matou muito peixe?

— Não, eu não estou pescando, estou esperando o robafo para matá-lo, porque engoliu o meu filho.

— Ah, é dureza matar esse bicho! Deixa ver a sua flecha! Com esta flecha de unha pequena você não mata o robafo. Deixa comigo: eu mato com minha flecha de bico. Mas você me espere aqui que vou em casa buscar fumo e comida para esperarmos o robafo.

Logo voltou e os dois comeram e fumaram.

— Agora eu vou mostrar como a gente faz para matar robafo.

O socó matou um sapo e o amarrou por cima do rio, para isca e preparou as suas três flechas e chamou o robafo assim: — uainainã... uãhrududanã... uaitialu?á...

Não demorou muito chegou um robafo pequeno. O gavião quis logo flechar. O socó disse:

— Não é esse. E além disso, deixe comigo.

Chegou um robafo maior. O socó disse: — Ainda não é esse.

Ao pôr do sol chegou um robafão.

— Está aí, é esse. Mas deixe comigo! — E flechou.

O robafão morreu na hora. Tiraram fora. O socó mandou o gavião abrir o robafo, mas só encontrou umas peninhas do seu filho e ficou muito triste: — Ah, foi esse mesmo que engoliu o meu filho! — E começou a chorar.

Então o socó ficou com pena do gavião e lhe ofereceu uma filha para ficar com ela até que esquecesse o seu filho.

O gavião levou a filha do socó. Uma lua depois o gavião encontrou de novo o socó e disse:

— Aqui está sua filha. Eu sei que agora vou achar muita falta dela, mas vim trazer de volta e mais algumas coisas de pagamento.

E o gavião foi embora.

O VELHO NE.ÀLUSU E A BOIPEVA

Um dia o velho Ne.àlusu foi com seu filho matar peixinho com timbó.

Chegando à beira de um córrego, Ne.àlusu expremia as folhas de timbó na água e o filho recolhia os peixinhos mais em baixo. O menino ia cantando e assobiando. A boipeba ouviu o menino cantar e se pôs a sondá-lo.

Quando o menino se aproximou, a boipeba o flechou e matou.

Ne.àlusu esperou pelo filho e nada dele voltar. Procurou, gritou, chamou. E nada. Então voltou para a casa e chamou o velho Kukalisu (lagartixa papa-vento amarela) e pediu para procurar o seu filho.

Kukalisu procurou e encontrou morto dentro de um buraco. Enterrou e chegando em casa contou para Ne.àlusu: — Encontrei seu filho morto dentro de um buraco. Foi a boipeba que matou.

Então Ne.àlusu chamou o beija-flor e a juriti para ajudarem. O velho Kukalisu explicou para o beija-flor e a juriti onde era a casa da boipeba e disse que a porta era bem fechada.

Quando encontraram o buraco da boipeba, primeiro o beija-flor voou bem alto e desceu de lá de cima rapidamente, fazendo um grande barulho. A juriti fez a mesma coisa.

A boipeba mandou os filhos ver o que era aquilo. As crianças puseram a cabeça fora do buraco e disseram:

— Vem ver, mamãe, que nós não estamos vendo nada!

A boipeba foi ver. Quando pôs a cabeça fora do buraco, o beija-flor flechou. A boipeba caiu morta ali mesmo.

— E agora o que vamos fazer? — falaram a juriti e o beija-flor — Vamos jogar na água ou vamos enterrar?

Nessa hora o gavião apareceu e pediu para comer a boipeba.

Por isso até hoje esse gavião só come cobra.

NANBIKUÁRA TEM ÁGUA DE NOVO

Houve um tempo em que só kuãhru (sapo) tinha água no oco do pau. Quando os Nanbikuára queriam água, iam pedir ao sapo e ele dava só uma cuia de água. E não havia jeito de roubar a água.

Daí foram e mataram o sapo. Piorou a situação: acabou a água de uma vez. Agora Nanbikuára só torcia embira para ter uns pingos de água.

A anta não agüentou de calor e foi no leito de um rio seco. Cagou e mijou. A urina não afundou e ela tomou banho com o mijo. (1). Umas mulheres e crianças viram que a anta tinha tomado banho e falaram:

— Oh, anta! você descobriu a água!

— Que nada, isto é minha urina!

Dà.uãsununsu viu a urina da anta, pegou terra e folha, esmigalhou a folha e fez a água de agora. (2). Então a anta chegou em casa e disse para os Nanbikuára:

— Agora vocês e todo o mundo têm água! Vocês podem ir tomar banho e beber água, mas eu caguei na água. Vocês não se importem com isso!

Por isso é que hoje em dia a anta caga dentro da água.

---

(1) Uma variante diz que a anta foi a uma lagoa seca.

(2) Uma variante diz que Dá.uãsununsu estava fazendo a água, os Nanbikuára esperando em baixo com as cabaças. Dá.uãsununsu deixou ensinado para os Nanbikuára: — Bebam e tomem banho na água. Não podem ficar dentro, porque perdem o fôlego. Não podem fazer fogo dentro da água, porque não tem jeito.

O VELHO LOUCO

Um dia toda aldeia saiu para caçar. Ficaram em casa só dois velhos irmãos. Um deles estava muito doente.

— Onde foram os nossos companheiros? — Perguntou o velho doente.

— Saíram a caçar.

— Eu também quero ir.

— Mas você está doente, não pode caçar.

— Eu sou de um povo diferente, eu sou Irautiahlusu.

O irmão afinal concordou e saíram os dois a caçar. Encontraram abelha manduri.

— Vamos tirar esse tien?alisu. — Disse o doente.

— O nome dessa abelha não é tien?alisu. O nome dela é sisu.

Tiraram o manduri e seguiram. Encontraram uma abelha arapuã. O doente disse:

— Olhe aí um haunmtzu. Vamos derrubá-lo!

— Mas o nome dela não é haunmtzu.

— Chama assim, haunmtzu! Eu estou dizendo!...

Deram com um mel borá. O velho doente chamou-o de kaha?lanasu.

— Como é que você está mudando o nome de tudo! Isso é haiù?tisu.

— Eu já lhe disse que sou de outro povo e é assim que eu chamo as coisas!

Viram ainda um enxu. O doente foi logo dizendo:

— Olha aí um kuenkuentalisu. Vamos tirar esse e pronto!

— Isso não é kuenkuentalisu, é atinsu!

— Esse kuenkuentalisu é o último pra hoje e vamos embora.

Tiraram o enxu e voltaram para a casa. Aí foi que o irmão descobriu que não se tratava de doença, mas o seu irmão estava era louco, tinha perdido a idéia.

O APERTO DO TAMANDUÁ-MIRIM

A onça encontrou o tamanduá-mirim e este estava com medo. A onça perguntou ao tamanduá:

— Que você está fazendo aí?

— Estou caçando, mas não achei nada ainda. — Respondeu assim, porque tinha medo.

O tamanduá aproveitou e perguntou também:

— E você?

— Estou caçando e nem não achei nada também.

— Quando você matar alguma caça, me chama e tem que dar um pedaço para mim. — Disse o tamanduá.

— Você também!

A onça mandou o tamanduá cagar para ver se tinha algum pêlo de bicho na bosta dele. Se tivesse, era caçador mesmo. Se não tivesse, ia comer o tamanduá.

A onça cagou também.

A bosta do tamanduá-mirim não tinha nada. A da onça estava cheia de pelinhos e ossos. A onça disse:

— Sua bosta não tem pêlo de bicho nenhum!

— Eu só como fígado, não tenho dente. Vê aqui na minha boca! — Disse o tamanduá.

— Se você não tem dente e a barriga dos bichos é dura, como você pode furar?

— Agora sim!... Disse o tamanduá e arrepiou de medo.

— Eu vou é comer você. — Disse a onça.

— Eu não quero que você me coma. Mas vou me entregar. Vamos fazer assim: você fica ali. Eu passo perto da sua cara e você me pega.

A onça ia indo para o lugar que o tamanduá falou. O tamanduá subiu num pau e entrou no oco que tinha lá em cima.

O TATUZINHO E A JAGUATIRICA

A mãe do tatuzinho foi caçar e deixou o filho no terreiro comendo cupim. A jaguatirica encontrou a mãe do tatuzinho lá no mato e matou e comeu. Em seguida foi na casa dela e viu o tatuzinho. Chegou perto e perguntou:

— Onde está sua mamãe?

— Mamãe foi caçar e até agora não voltou. — E imaginou: acho que essa jaguatirica matou minha mãe.

A jaguatirica não parava de olhar o casco do tatuzinho.

— Por que você está olhando tanto o meu casco?

— Porque estou achando muito bonito. Você não me quer dar para mim?

— Então me deixa amarrar você e eu dou o meu casco.

— Está bom assim.

O tatuzinho amarrou toda a jaguatirica e jogou n'água. A jaguatirica ia se afogando e se debatendo dentro da água e gritava:

— Me tira da água, tatuzinho, se não eu vou morrer, porque assim eu não posso nadar.

— Espera que eu vou tirar o casco para você!...

— Não, me tira primeiro da água.

E o tatuzinho ficou só olhando até que a jaguatirica morreu. Tirou da água, chamou todos os bichos. Depois começou a cortar pedaços de carne e com eles fez rabo para todos os animais, pregando com o próprio sangue da jaguatirica. A anta ganhou só um pedacinho, por isso ficou com o rabo pequeno.

Caiu uma gotinha de sangue no chão e dessa gotinha nasceram as jaguatiricas de hoje. Agora a jaguatirica só não come carne de cágado e jacaré.

OS SAPOS MATAM UMA MULHER

Um homem foi passear em outra aldeia e deixou em casa a sua mulher. No dia seguinte, cedinho, a mulher ouviu os sapos cantar na lagoa. Pegou uma cabaça e foi matar.

Na lagoa, ia encontrando e matando só sapo pequeno e jogando na cabaça. Na frente cantou o sapo grande: — haú, haú, haú. Foi na direção dele e o sapo cantou de novo: — haú, haú, haú. Mais na frente, viu o sapo grande. Este falou:

— Olhe, não bata na minha cabeça. Só na minha cadeira, tá?

A mulher suspendeu a vara e desceu na cadeira do sapo. Naquela hora, o sapo saltou na mulher e a segurou e chamou os companheiros. Chegaram e lamberam todo o corpo da mulher. Esta morreu. Assaram e comeram. Só a alma dela voltou para casa. A alma chegou, deitou e cantou. Um homem só escutou, mas não viu ninguém.

Depois de uns dias, chegou o marido da mulher. Os outros contaram que ela foi passear no dia seguinte depois que ele saiu e até então não tinha voltado.

— Eu acho que foi o bicho que comeu minha mulher. — Pensou o marido e na mesma hora pegou fogo e uma cabaça com fumo e foi ver na várzea.

Encontrou os ossos de sua mulher perto de um grande buraco.

— Já sei. Foi o sapo que matou e comeu minha mulher!

Encheu o buraco com fumaça de fumo. Os sapos lá dentro começaram a tossir e não agüentaram e saiu primeiro um. O homem matou e jogou para um lado. Depois saiu uma mãe de sapo.

— Foi essa! — Disse o homem e fez a mesma coisa com a mãe do sapo.

O homem voltou para a casa muito triste.

ORIGEM DO NANBIKUÁRA DE HOJE

Faz tempo Ualuru (1) acabou com o mundo, menos com a gente que estava dentro de uma pedra parecida com um urubu de chifre. Os macacos ouviram falar, rir e gritar dentro daquela pedra.

Um macaco zogue-zogue se pôs ao lado da pedra e ficou esperando que aquela gente saísse. Mas nunca saía. Apanhou tanto sol quente, que ficou com as costas roxas.

Chegou uma cotia e o zogue-zogue contou que dentro daquela pedra tinha gente. A cotia começou a roer a pedra, mas quebrou o dente e foi embora. Chegou a paca e quebrou o dente também. Veio a anta. Bateu o pé com força na pedra. Destroncou o pé e deixou. Apareceu o tatu e foi experimentar também. Quebrou a unha e foi embora. Chegou ainda o beija-flor. Tentou, mas quebrou o bico.

— Não tem jeito! — Disse o macaco.

---

(1) Cfr. Pe. Adalberto Holanda Pereira, S.J.. Os Espíritos Maus dos Nanbikuára. Pesquisas, Antropologia n.º 25, pp. 7 e 23, 1973, São Ieopoldo.

Veio mais o urubu. Voou de lá de cima, bateu na pedra, mas nada de rebentar.

Foi quando chegou o bem-te-vi. Pegou a lança de madeira, tomou grande distância, voou de lá de longe, veio e bateu com toda a força na pedra, como se fosse um raio. A pedra rachou no meio e as duas bandas caíram e os Nanbikuára de hoje apareceram, surdos durante um tempo, por causa da pancada na pedra.

Primeiro o bem-te-vi tirou um casal novo da pedra. Preparou uma casa para ele. Depois tirou os mais velhos e mandou cada grupo morar nos seus lugares, onde estão hoje. Mas ainda restou gente lá dentro e hoje está ainda lá.

A FLAUTA DA PERDIZ

A perdiz estava tocando flauta. O lobinho ouviu, achou bonito e foi perto para ouvir melhor. Depois que ouviu disse:

— Você me deixa experimentar a sua flauta?

— Pode experimentar.

Entregou a sua flauta ao lobinho. Esse pegou a flauta e tocou: — fi, fim, fi... Depois foi embora com a flauta.

A perdiz correu atrás do lobinho gritando para entregar a sua flauta. O lobinho lá na frente entrou no buraco. A perdiz ficou ali chorando e só escutava lá dentro o lobinho tocar: — fi, fim, fi...

O lagarto ouviu o choro da perdiz e foi lá ver o que era.

— Por que você está chorando?

— Eu estava tocando a minha flauta, o lobinho chegou lá e roubou, correu e entrou nesse buraco.

— Você me espera aqui. — Disse o lagarto.

O lagarto entrou no buraco e perguntou ao lobinho:

— Onde você arranjou essa flauta?

— Foi a perdiz que me deu.

— Dá para eu ver.

Quando o lagarto pegou a flauta, na mesma hora deu uma paulada na cabeça do lobinho e correu pra fora com a flauta. Deu para a perdiz dizendo:

— Aqui está a sua flauta, mas você só deve tocar, quando as frutas estiverem amadurecendo, no tempo das chuvas, porque é nesse tempo que eu costumo sair. Você é muito mole e o lobinho carrega de novo a sua flauta.

O HOMEM FAZIA TROVÃO

Um homem foi viajar longe. Ia passando por um morro baixo e comprido. Daí já avistava lá na frente uma casa. No caminho que ia para aquela casa, viu relâmpago e escutou trovão.

Chegou na casa e ali morava uma família com um casal de crianças. Viu muito piqui plantado. Aí foi, pediu piqui. O dono da casa disse que não dava nem a semente, mas podia beber quanta chicha quisesse.

Entretanto, o homem escutava o trovão.

— Não tenha medo! Esse trovão eu faço assim, você pode espiar... Pegou uma tábua, amarrou um fio de algodão na ponta e no meio da tábua. Dependurou-a na porta e com o vento fez um barulho igual a trovão talinã. (1).

Esse trovão talinã era o que o homem escutou, quando estava no caminho.

De noite, o homem cantou assim: — Aretasu iauptinani (piqui deu flor e amadureceu).

Depois do canto foi dormir. Bem de noite ia fugindo. O dono da casa falou:

— Não vai embora, está escuro, vai dormir!

O dono do trovão ainda pegou a espada grande, fez uma fenda na casa com ela, colocou a ponta da flecha na tábua duas vezes e parou o trovão e disse de novo:

— Fique aqui, não tenha medo, parou o trovão.

O homem continuou fugindo e dizendo: — Aqui eu não volto mais!

NANBIKUÁRA COMEÇA A COMER PIQUI

Antigamente Nanbikuára não comia piqui do campo. Se comesse, ficava tonto e morria. Naquele tempo chamavam o piqui de uauasu e também de alokilisu. Hoje falam àru.

Uma vez deu muito piqui. As mães sempre ensinavam para as crianças:

— Vocês não podem comer essa fruta, porque senão ficam tontos e morrem.

Mas as crianças sempre iam escondidas ao campo e comiam piqui. Um dia a mãe foi buscar lenha no campo e viu as suas crianças comendo piqui. Só roíam e não faziam massa.

— O que vocês estão comendo aí?

— Nós estamos comendo piqui, mamãe!

— Eu já falei que não era para vocês comerem dessa fruta!

— Não, mamãe, não faz mal. Todo o dia nós estamos comendo e não morremos. Quer ver também? Olha como é gostoso!

A mãe experimentou um pedacinho.

— Tá vendo, mamãe, como você não ficou tonta? Come mais!

Depois a mulher fez chicha de piqui e bebeu com as crianças. Daí, todos comeram e beberam. Então foram logo avisar em todas as outras aldeias que o piqui era gostoso e não fazia mal.

Hoje Nanbikuára come e gosta do piqui.

A MANCHA DA LUA

Uma moça vivia sozinha em casa. Um dia apareceu grávida. Ela não via ninguém entrar na casa dela e queria descobrir quem era.

---

(1) O trovão natural chama-se uanénkisu.

A lua chegava e abusava dela, mas de longe, sem entrar na casa.

A moça tirou leite de soveira, misturou com areia e carvão, deixou numa cuiazinha e de noite ficou esperando, fazendo que estava dormindo.

Quando a lua chegou, a moça descobriu que era a lua quem mexia com ela e disse para a lua esperar um pouco. Pegou a cuia e jogou na cara da lua. Então a lua saiu lambuzada e foi embora.

A mancha da lua é aquele leite de soveira misturado com areia e carvão.

VARIANTE DESTA LENDA:

Depois que a moça jogou soveira na cara da lua, ainda convidou a lua para ajudar a botar fogo no campo. Era de tardezinha. A lua disse:

— Não posso, porque estou com dor d'olhos e começou a subir num pau de angélica. Mas ainda disse:

— Põe fogo. Quando a roda for fechando, aí eu ajudo.

Da angélica, a lua subiu e já estava lá em cima folgada.

A DIVERSIDADE DAS LÍNGUAS

Dois rapazes fizeram duas facas. Tiraram leite de mangaba e aprontaram algumas flechas e chamaram uma velha para ir caçar.

Encontraram uma perdiz e uma seriema. Perguntaram para a velha:

— Essa perdiz aqui como é que canta?

A velha imitou a perdiz.

— E essa seriema?

— Talá, talá, talá... — Imitou a velha.

— Como que você chama a perdiz?

— Ialai?ialai?ralatia.

— E a seriema?

— Ialai?ralaia.

Outra vez, os rapazes foram caçar e trouxeram uma ema e um veado. Perguntaram para a velha:

— Você sabe como canta a ema?

— Ela canta assim: hum, hum, hum...

— E o veado como faz?

— Bem assim: ponk, ponk, ponk...

E como você chama a ema?

— Uaixheuaixheri?ialairalatia.

— E o veado?

— Uaixhe?uaixheri?ialairatia.

Assim como essa velha fala diferente, assim Nanbikuára, civilizado, Iránxe, Paresí e todas as gentes não se entendem entre si.

COBRA ENSINA DORMIR

De primeiro Nanbikuára não dormia nem mesmo de noite. Tetêsu (cobra braba, parecida com a sucuri, pintada de preto e amarelo, difícil de ser vista, sempre vivendo enrolada em cima nos ocos dos paus) era a dona do sono.

Um dia um Nanbikuára achou a casa da tetêsu e chamou, chamou gritando. Depois de muito gritar, a cobra acordou assustada e o Nanbikuára falou:

— Você dorme muito. Como que você dorme tanto assim e nós não dormimos nada?

Eu tenho uma coisa que faz dormir, mas você não agüenta. Se você passar essa coisa nos seus olhos, você vai sonhar muito feio: criança morre, homem bonito morre, pau machuca...

— Assim mesmo eu quero.

Então a cobra cozinhou urucum com cera e deu dizendo:

— Está aqui, mas você não pode passar nos olhos durante a viagem, senão você vai cair dormindo no meio do caminho.

Na aldeia, o homem contou a história e convidou todo o mundo a passar nos olhos o cozinhado da cobra. Todo o mundo dormiu.

Agora Nanbikuára dorme e a remela e o líquido que têm nos olhos, é ainda o sinal daquela gosma da cobra.

A FORMIGA SABIDA

Faz tempo, era um casal com um filho. A mãe morreu. O pai foi caçar com o filho. O filho estrepou num pau. O pai trouxe o filho no ombro para a casa e não pôde tirar o estrepe e o filho morreu. Um outro homem enterrou e o pai chorou muito.

Não demorou muito chegou iákohlo (formiga preta). Contaram para ela e ela foi chamar a formiga oncinha. Desenterraram o menino. Iákohlo chupou o pé do menino e tirou três farpas de pau e pôs remédio na ferida.

De noite chupou na altura do coração do menino. O coração começou a bater cada vez mais forte.

Na tarde do outro dia, o coração estava normal. De noite, abriu os olhos. No outro dia, ao meio-dia, levantou e sentou.

O pai do menino estava chorando muito. A formiga amarela disse:

— Não chora muito agora não, só pouquinho.

De tarde, o menino começou a falar e disse que tinha fome. A formiga preta disse:

— Se comer e beber muito, é perigoso, pode até morrer. Ele pode comer só um pedacinho de beiju. Mais tarde pode comer mais.

No outro dia, de manhã, a formiga oncinha ensinou ainda:

— Quando uma cobra morde, um pau machuca, corta com capim e pega febre, precisa tratar com remédio.

O menino ficou forte e iákohlo foi embora morar no seu oco de pau.

AS CRIANÇAS VIRARAM MACACO

Uma mãe foi tomar banho com os seus meninos e meninas e mais uma mulher. As crianças queriam logo se jogar na água. A mãe disse:

— Esperem, eu primeiro vou encher a cabaça.

— Não, mamãe, nós queremos cair na água logo.

— Não, primeiro eu vou encher a cabaça. As crianças zangaram e subiram nas árvores. A mãe encheu a cabaça e gritou para as crianças:

— Pronto, agora vocês podem tomar banho.

A mãe não viu as crianças. . .: — Onde elas foram? . . .

— Subiram nas árvores. — Disse a outra mulher.

— Vamos embora, criançada!

— Não, nós agora vamos ficar aqui no mato mesmo!

— Vocês vão cair!

— A gente urina no pé e não cai!

— Desçam, assim mesmo vocês caem!

— Vocês podem ir, nós vamos ficar aqui mesmo!

A mãe voltou pra casa e aí perguntaram pelas crianças.

— Elas subiram nos paus e foram embora.

Todos ficaram tristes e diziam:

— Agora as nossas crianças viraram filhos dos macacos.

A SUCURI MATA O VELHO SOVINA

O velho Kaiutiahlusu viu uma sucuri numa lagoa. Voltou para a casa e chamou outros homens para matarem a sucuri. No caminho Kaiutiahlusu se arrependeu, porque se muitos matassem a sucuri, ele ganharia pouca carne.

Na lagoa o velho viu a sucuri, mas não mostrou para os companheiros e eles procuraram, procuraram e não acharam e disseram:

— Nós vamos embora.

— Está bem, vocês podem ir: eu vou ficar aqui procurando.

O velho colheu uns talos de buriti, sentou na beira da lagoa e começou a fazer um xire para carregar a sucuri e comer muita gordura sozinho. Nessa hora, a sucuri deu um salto e laçou o velho.

O velho começou a gritar. Os companheiros escutaram os gritos, mas não foram socorrer, porque já era quase noite. A sucuri engoliu Kaiutiahlusu.

No dia seguinte, os homens da aldeia falavam entre si: — Kaiutiahlusu não voltou ontem. . . — E alguns diziam: — Mas ele ainda gritou.

Então foram ver o que tinha acontecido com o velho. Só viram um xire amassado. Depois viram a sucuri. . .

— Vai ver que ela engoliu Kaiutiahlusu. Vamos matar pra ver!

Acharam o velho na barriga da sucuri. Enterraram Kaiutiahlusu e cada um ainda comeu um pedaço da sucuri.

O SAPO DO PAU OCO

Faz tempo kuãhru era gente. Adoeceu e ficou muito magro, mas nunca morria. Então chamou um seu companheiro e disse: — Me carrega e me coloca dentro de um oco de pau.

O companheiro pegou o sapo nas costas e saiu com ele à procura de um oco de pau. Encontrou um oco de pau e deixou o sapo lá dentro. O sapo cantou:

— kuãhru, kuãhru... e perguntou: — Como é, estou cantando bonito e grosso, ou não?

— Você está cantando muito fino.

— Então me leva em outro oco de pau.

O companheiro levou. Kuãhru cantou de novo: — kuãhru, kuãhru...

— E agora, estou cantando fino ou grosso?

— Agora você cantou grosso e bonito.

— Então eu vou ficar aqui mesmo. — Disse o sapo.

O companheiro ainda foi buscar água e deixou para o sapo. Depois disse:

— Agora eu vou embora.

— Pode ir. Na época da chuva eu vou sempre cantar assim: — kuãhru, kuãhru... e você fica sabendo que eu ainda estou morando aqui.

Ainda hoje a gente escuta aquele sapo cantar: — kuãhru, kuãhru, kuãhru..., como ele disse.

A CONQUISTA DO MACHADO DE PEDRA

Um velho Manduca chamado Uaihikaindzu e o seu irmão Uailikaunzu foram à aldeia dos Salaunsu buscar machado de pedra. Era muito difícil conseguir, porque os Salaunsu eram bravos. Foram chegando na aldeia Salaunsu gritando:

— Estamos chegando, estamos chegando!...

Os Salaunsu jogaram umas bolinhas de mangaba para eles pegarem dizendo: — Se vocês deixarem essas bolinhas cair no chão, nós vamos comer vocês.

Os dois Manduca eram muito práticos e ligeiros. Pegaram as bolinhas desde a manhã, até de tardezinha.

Nessa hora, uma moça Salaunsu saiu na porta da casa para ver como os Manduca aparavam as bolinhas. Um Manduca jogou uma bola bem no peito da moça Salaunsu e essa morreu na mesma hora. Então todos os Salaunsu entraram dentro de casa e ficaram quietos.

Os dois Manduca entraram na casa, pegaram os machados de pedra que estavam ali e voltaram. Chegaram em casa e deram os machados para os homens de todas as aldeias dos Nanbikuára.

Depois que Uaihikaindzu e Uailikaunzu morreram, ninguém mais foi buscar machado.

O CASAMENTO DA SUCURI COM A SARACURA

A sucuri casou com a saracura. Toda a noite ouviam a saracura chorar dentro de casa. Um dia perguntaram para ela:

— Por que você está chorando toda a noite?

— É porque o meu marido se deita em cima de mim, me enrolando e me aperta tanto que não me deixa dormir. Eu já estou enjoada disso.

Nesse dia, as moças da aldeia enxergaram uns pêlos de sucuri na pá da saracura.

A saracura chorou só mais uma noite. No outro dia, não acharam nem a saracura, nem a sucuri em casa. Acharam que a sucuri tinha levado a saracura para o rio.

A mãe da saracura ficou muito triste. Então foi até o rio e lá ouviu iunhlu (sapo) cantando: — tu, tu... — A mãe da saracura chegou perto e perguntou:

— Onde a sucuri entrou com minha filha no rio?

— Foi aqui mesmo. — Disse o sapo. — Você quer que eu cante para chamar e matar a sucuri?

— Eu quero.

O sapo cantou e a sucuri apareceu. O sapo deu com a espada na cabeça da sucuri e matou. Assaram e comeram todinha.

O HOMEM DAVA A PRÓPRIA CARNE PARA COMER

Um homem casou. Um dia saiu dizendo que ia matar tatu. Voltou só com a carne. Outra vez foi matar tamanduá-mirim e trouxe só a carne também. Sempre que ia caçar trazia só a carne.

Então o sogro ficou intrigado com isso. Um dia o homem falou:

— Hoje eu vou matar paca.

O sogro foi atrás dele. Lá mais adiante viu o homem parar, fazer fogo, pegar uma taquara afiada, apalpar a barriga da perna e cortar. Esfregou com a mão o lugar que cortou e a barriga da perna ficou inteira de novo. Pegou o pedaço cortado, sapecou no fogo e guardou. Apalpou outro lugar de muita carne e fez a mesma coisa. Fez a carne que queria. Agora o sogro falou:

— Mas como é que você está dando a sua carne para nós comer?

O sogro matou o homem e jogou na água. Mas viveu de novo e virou jacaré e até hoje vive na água.

O sogro pegou o pedaço de carne maior e jogou e foi bater num pau e virou taunru (lagartixa cinzenta). Outro pedaço menor, jogou na água e esse virou aino?lee?tisu (lagartixa).

O CASAMENTO E A MORTE DA SUCURI

A sucuri era gente. Um dia foi para outra aldeia. Lá, o pessoal estava fazendo uma casa redonda. A sucuri quis fazer uma também. Isto, porque a casa de sua aldeia era muito feia e não sustentava o fogo aceso dentro.

Fez a casa e logo casou com a moça Kaunlisu, da aldeia mesmo. A mulher gostava muito do marido, porque quando saíam caçar, não era preciso cavocar: o marido entrava direto no buraco e tirava o tatu.

Mas uma noite, a sucuri levou a mulher amarrada para a sua maloca e soltou dentro da água. De noite, a mãe de Kaunlisu chamou a filha para acender o fogo, mas a filha não respondeu. A velha acordou os filhos e disse que a sucuri levara a sua filha.

Os irmãos de Kaunlisu foram atrás da sucuri. Lá muito na frente, encontraram o pouso dos dois. A irmã dormiu em cima do marido. Mais adiante alcançaram os dois. Mataram a sucuri e a comeram e trouxeram a irmã de volta.

Por isso Nanbikuára ainda hoje come sucuri.

NAMBU ENGANA A ONÇA

Uma onça encontrou a mulher do nambu no mato. Esta disse para a onça: — Esturra aí, para eu saber se vocês são muitas.

A onça esturrou bem forte, e só uma jaguatirica respondeu.

— Vocês são poucas. Agora eu vou gritar.

Respondeu nambu por toda a parte.

— Vocês são mesmo muitos. Agora eu posso comer você, que não fará falta.

— Não, porque se você me comer, todos esses meus companheiros vão achar falta de mim.

— Assim mesmo eu vou comer você.

— Está bem, você pode me comer. Mas faz assim: você levanta a cabeça e abre bem a boca que eu vou voar e cair bem dentro. E você vai mastigar e engolir logo.

A onça levantou a cabeça e escancarou a boca. A mulher do nambu passou voando perto da boca da onça e cagou dentro: — bu, bu, bu... — E foi embora.

A onça ficou zangada e triste: não podia fazer nada.

Por isso, hoje em dia, o nambu caga, quando levanta vôo do chão.

O JACARÉ TINHA LÍNGUA

Os bichos e os homens não tinham língua. Só o jacaré tinha e muito grande.

Uns meninos estavam tomando banho. O jacaré chegou e começou a xingar, falando:

— Uoxherataterí?ialerá! Uoxherataterí?ialerá! Uoxherataterí?ialerá! — Querendo dizer que não tinham língua.

Os guris combinaram: — Vamos pegar esse jacaré e tirar a língua dele. Chamaram outros e todos juntos rodearam e seguraram o jacaré. O jacaré gritou:

— Me soltem, me soltem!

Em vez de soltar, fizeram foi tirar a língua do jacaré. Repartiram a língua dele para os bichos e para os homens.

Hoje o jacaré não tem língua e nós e os bichos temos a língua do jacaré.

Faz tempo a cigarra era gente. Um velho cego cantava toda noite para os grandes e crianças escutarem.

Um dia, o cego mandou os homens caçar e tirar mel: — Cortem o mel que vocês acharem e matem os bichos que encontrarem.

Mandou umas mulheres buscar talo novo de buriti e outras, mandioca. As crianças foram com os pais. O velho ficou sozinho.

Uma aranhazinha rasgou as costas dele e tirou todo o couro. O velho ficou moço.

Passou urucum vermelho no corpo, botou colares de contas e tiras de broto de bruiti no pescoço e se deitou alegre.

O pessoal chegou e viu que o velho tinha ficado novo e muito bonito. Os homens trouxeram muita caça e muito mel.

Então o velho, tornado moço, mandou as mulheres ralar mandioca para fazer chicha e as moças assar o broto novo de buriti para pôr no pescoço, na perna e no pé delas.

A FLAUTA DO GRILO

Um dia kualuru estava tocando a sua flautinha de dois caninhos, toda enfeitadinha. Um homem ouviu e veio ver de perto o grilo tocar. Aí o grilo escondeu a flauta. O homem falou:

— Eu escutei você tocar flauta e vim ver.

— Foi um engano, não era eu que estava tocando.

O homem foi embora. O grilo tocou de novo. O homem voltou para ver e disse:

— Eu acho que é você mesmo e você toca muito bonito.

— Já disse que não sou eu.

O homem tornou a ir embora.

E o grilo estava tocando outra vez, quando o homem apareceu desapercebido e agora pegou a flauta e quebrou.

Por isso, hoje em dia, o grilo toca feio, triste e escondido nas palhas da casa.

O MACHADO DO PICA-PAU

O pica-pau achou um mel bujuí. No outro dia convidou a irara para ir com ele lá tirar. Isso, porque sabia que o machado da irara era muito bom e que o dele não.

O pica-pau subiu na árvore. Bateu algumas vezes com o seu machado e depois disse para a irara:

— Cunhado, me dá aí o seu machado, porque o meu não está cortando bem.

A irara deu o machado para o pica-pau. Deu umas pancadas e viu que o machado da irara era bom mesmo. Acabou de tirar o mel e voou com o machado dela. A irara ainda gritou:

— Não carrega o meu machado, pica-pau!

Mas o pica-pau sumiu com ele. E é por isso que o pica-pau tem um machado bom e a irara um machado ruim.

O PERNILONGO GOSTA SÓ DA ORELHA

Mataram uma anta e ofereceram um pedaço ao pernilongo.

Primeiro deram um pedaço da perna. O pernilongo não quis. Deram um pedaço do braço: também não quis.

— Você quer o espinhaço?

— Também não.

E nem quis o fígado, o pé, a costela, a mão, as tripas, o fufu, a canela.

Não viam mais nada para oferecer e disseram ao pernilongo:

— Fala você: o que quer?

— Vocês não me ofereceram o que eu quero.

— Mas o que é?

— É a orelha.

Por isso é que o pernilongo gosta de cantar na orelha da gente.

O ROUBO DA COR

A cobra coral era de cor igual a urucum vermelho e outra cobra de rabo amarelo e cabeça meio cinzenta vivia invejando a cor da coral.

A cobra cinzento e amarelo roubou a tintura vermelha do corpo da coral. A coral desconfiou.

A cobra cinzento e amarelo foi à casa da coral. A coral viu que a outra tinha mesmo a sua tintura e perguntou:

— O que é que você está procurando?

— Eu vim procurar um pedacinho de carne que deixei aqui.

— Que mentirosa! — Pensou a coral e disse:

— Vai mais para ali e vira a cabeça pra cá.

Ela fez como a coral mandou. Foi lá e virou a cabeça. A coral disse:

— Ah, você é que roubou a minha tintura!

Aí a coral tomou de novo e ainda hoje está com ela.

A RISADA DAS SERIEMAS

Um casal de seriemas tinha três filhos: um moço e duas moças. Um dia o moço saiu para fora e as duas irmãs começaram a brincar com cipó imbê amarrado nas suas canelas. A mãe reclamou dizendo:

— Não estraguem esse cipó que é para o irmão de vocês fazer flecha com ele.

As duas moças foram brincar escondidas num lugar limpo, dando risadas: — am, am, am...

Elas voltaram em casa e disseram para a mãe:

— Você fica aqui. Nós vamos voltar para brincar no campo: lá é muito bom de brincar.

Foram de novo para o campo e ainda hoje a gente escuta a seriema achar graça lá: — há, há, há...

A ONÇA, A MARIPOSA E O BEIJA-FLOR

A onça e a mariposa mataram um veado. A onça mandou a mariposa buscar fogo para assar o veado. Enquanto isso, a onça comeu toda a gordura do veado e deixou só a carne para a mariposa.

E era sempre assim.

Um dia a onça foi caçar com o beija-flor. Mandou o beija-flor buscar fogo. Mas antes da onça comer a gordura, o beija-flor já chegou com o fogo.

— Mas você voltou muito depressa. A mariposa não vinha logo.

A onça não quis mais caçar com o beija-flor. Ficou só com a mariposa. Por isso é que o nome de onça é ianaru e o da mariposa ianaru?sikualen?kualensu. Por isso também a mariposa sempre voa perto do fogo de noite.

O PEIDO DA VELHA

A velha Alùtiegnkalusu vivia peidando na cara do genro. Esse até ficou magro e amarelo.

Um dia o seu irmão saiu para o mato com ele e perguntou:

— Por que você está magro e tão amarelo assim, você está doente?

— Não, eu não estou doente. Isto é porque minha sogra vive peidando na minha cara.

— Então você leva esse machado de pedra. Quando ela peidar de novo, você senta esse machado bem na bunda da sua sogra e ela vai parar.

Voltaram os dois irmãos para a casa. O genro de Alùtiegnkalusu deixou o machado bem perto de si. Quando a sogra foi peidar de novo, o genro sentou o machado na bunda dela. A velha morreu.

No outro dia, jogou a velha fora.

O REDEMOINHO LEVA A VOVÓ

Uma velha fez uma viagem com seus netinhos. Lá no caminho, a velha encontrou uns paus secos e parou para fazer lenha.

— Deixa vovó, ainda é cedo para apanhar lenha. Vamos embora!

Mas a vovó ia sempre parando atrás para ajuntar lenha. Então os netinhos deixaram a velha e foram até o pouso daquele dia. Como a velha não chegasse, voltaram para encontrar com ela.

Quando iam chegando perto dela, chamaram e ela respondeu. Nessa hora viram um redemoinho rodear a velha. Depois que ele passou, eles chegaram lá e não viram mais a vovó.

Olharam então onde o redemoinho passou. Repararam uns cabelos enganchados nos galhos. Aí foi que viram que o redemoinho levou a velha e foi de cabeça para baixo.

A MULHER VIROU RATO

Era uma vez um casal. O homem matava rato e dava só a parte traseira para a mulher. Esta zangou com o marido por causa disso.

Um dia, a mulher pegou uma espada, furou o chão, entrou dentro, deixando só a cabeça de fora. O marido veio e segurou a mulher pelo cabelo:

— Que é que você está fazendo?

— Solta meus cabelos!

Ele soltou. Ela afundou. O homem ficou esperando um bom tempo e ela não apareceu mais.

No outro dia, o homem foi ver o buraco de novo. A mulher tinha virado rato da terra.

O homem foi embora e sumiu.

É BOM TOMAR BANHO E BEBER ÁGUA

Um velho matou um bicho. Um moço pediu o fígado.

— Não, você comendo o fígado do bicho, o seu fígado dói.

Então o moço pediu as tripas.

— Não, você comendo as tripas, suas tripas doem.

Assim tudo o que o rapaz pedia para comer, ia doer nele: o braço, o pé, o espinhaço, as costelas, a perna e a mão. O rapaz disse:

Então eu vou é tomar banho e beber água.

— Ah, isso é uma coisa boa!

O moço tomou banho e bebeu água. Por isso é que o Nanbikuára acha isso bom.

COBRA DE DUAS CABEÇAS NÃO TEM RABO

A cobra de duas cabeças mandou o filho a outra aldeia procurar uma menina para casar. Devia ser bem pequena.

O filho foi e arranjou uma menina já grandinha. O pai não gostou, porque já era bastante grande e disse para procurar outra menor e ficou com ela para si.

O filho trouxe uma menina menor. O pai ainda achou grande e ficou com essa também.

O filho tornou a buscar e trouxe uma menor ainda, bem pequena. O pai ficou com mais essa.

Então o filho zangou e cortou o rabo do pai. Por isso hoje a cobra de duas cabeças não tem rabo.

A CASCA MILAGROSA

Faz tempo morreu uma mocinha na aldeia. Todo o mundo chorou.

Tiraram uma casca, abriram, escoraram com um pau e puseram ao sol para secar. Depois puseram a mocinha morta dentro para enterrar.

Notaram que o coração batia: — Ah, está viva!

Tiraram a menina da casca. Ela abriu os olhos. Um homem falou:

— Agora não precisa mais ninguém chorar.

Isso aconteceu pela meia-manhã. Ao meio-dia, a mocinha comeu e bebeu chicha.

Repartiram a casca por todo o mundo. Puseram dentro das cabaças com água e depois tomaram banho com essa mistura. Era remédio.

IALÙ?IALÙSU NÃO COME MAIS IÇÁ

Ialù?ialùsu (marimbondo grande que faz casa no chão) foi apanhar içá, para a mulher. Ele apanhou pouco, mas a mulher queria era muito.

A mulher começou a assar e quando o xire estava esvaziando, o homem sacudiu e aumentou o içá no xire até ficar o mesmo tanto que tinha trazido.

Quando diminuía outra vez, o homem sacolejava de novo. Assim, não acabava de assar nunca.

A mulher zangou e jogou tudo no fogo. O içá viveu tudo de novo e foi fazer barulhão lá pra cima no céu. E ainda hoje faz no começo das chuvas.

AS ALMAS ROUBAM CRIANÇA

Duas mulheres foram apanhar lenha. Escutaram umas risadas em cima, de homens e de moças. Chegaram em casa e contaram para os homens.

Uma dessas mulheres tinha três crianças. Na noite do mesmo dia, a mulher se deitou para dormir com elas. Uma certa hora, acordou e notou falta da criança maior e escutou a criança chorar lá em cima.

A mulher acordou os pajés da aldeia e contou que as almas roubaram a sua criança. Os pajés foram atrás das almas do pai da criança e dos avós e tomaram a criança e deram para a mãe.

Isso pode acontecer hoje em dia. Se não acontece, é porque Dà.uã-sununsu cuida.

QUERIAM CONHECER O VELHO

Uma aldeia queria conhecer o velho Uaù?lahlusu. Sabiam que não dava nada para ninguém.

Alguns homens foram na aldeia dele chamar para os outros conhecerem. Na caminhada de volta, mandaram o velho passar na frente.

Ao chegar à aldeia, o velho entrou gritando:

— Vocês queriam me conhecer? Pois estou aqui. Eu já conheço vocês bem! — E cantou: — Kuikuikaiute (árvore parecida com a laranjeira) nala... há... haha... — É assim que antigamente nós cantávamos... Meu nome é Uaù?lahlusu.

Uaù?lahlusu voltou para sua casa.

O PEDREIRO VALENTE

Naquele tempo o passarinho pedreiro era gente. Uma turma de pedreiros foi a uma cabeceira e encontrou um pedreiro inimigo.

A turma de pedreiros jogou muitas flechas no inimigo. Mas as flechas iam pegando só no cabelo e aí ficavam enganchadas.

Quando as flechas acabaram, o inimigo começou a flechar a turma e matou muitos.

Em casa, o pedreiro valente disse:

— Eles não apareceram mais aqui. Deve ter acontecido alguma coisa...

O FIM DO MARIMBONDÃO

Um pajé estava caçando e escutou um barulho como se fosse um sopro numa cabaça. Foi ver o que era. Era uma enorme casa de hahalaunsu (marimbondão parecido com a mamangava).

O marimbondão deu atrás do pajé. Este correu até cansar. Aí mergulhou na água e saiu muito em baixo e escapou do marimbondão.

Em casa, avisou os outros pajés. Então foram todos eles e queimaram o marimbondão. Se eles não tivessem acabado com esse marimbondão, hoje em dia era um perigo.

A MENINA PREGUIÇOSA

Uma mãe tinha uma menina muito preguiçosa. A mãe mandava a menina buscar água e ela não ia. Mandava buscar lenha: não ia também. A menina não queria fazer nada. Então a mãe zangou e prendeu a menina.

A mãe a toda hora dava um banho na menina e não deixava esquentar nem um pouco. A filha chorava de frio. Foi indo, a menina morreu.

O Nanbikuára aprendeu daquela mulher a prender a filha quando sai o primeiro sangue, mas não mata a filha de tanto dar banho.

NOVO SOL E NOVA LUA

O tatu-canastra fez muito buraco perto da aldeia. Minou água por toda parte. Chegou água até debaixo do fogo das casas. Bateu frio em todo mundo. Nanbikuára ficou com medo.

E ainda deu uma grande tempestade com raio, trovão, chuva. Caiu um pedaço do céu. Caíram também a lua e o sol. As estrelas caíram também.

Um velho muito magro saiu andando na direção onde sempre nascia o sol. Subiu e virou esse sol de agora. E uma velha muito magra saiu andando, depois subiu e virou a lua de hoje.

O CARRAPATO SEM BUNDA

Iunzu (carrapato) não tinha bunda. Só ferventava a carne e bebia o caldo. Um dia, quando bebia o caldo, ouviu outro carrapato peidar e perguntou:

— Como é que você fala de dois lados?

— Eu tenho uma boca pra falar e comer e a bunda para cagar.

Iunzu ficou interessado em ter também uma bunda e falou:

— Fura aqui atrás de mim também!

O outro furou atrás do carrapato e iunzu morreu. Iunzu não sabia que bunda não se faz, mas é da gente mesmo.

OS TRANÇADOS DO XIRE

O tatu-liso estava fazendo um xire. O tatu-cascudo ficou olhando, de lado. O tatu-liso fez um bom pedaço e o tatu-cascudo pediu para continuar a fazer.

O tatu-liso deu e virou o rosto para o outro lado. Quando foi ver, estava diferente o trançado.

O tatu-liso pegou o xire e continuou fazendo do seu jeito.

Hoje em dia, o xire, embaixo, é como o casco grande do tatu-liso; no meio, é como o casco pequeno e redondinho do tatu-cascudo; em cima é de novo como embaixo.

A MOÇA DA FIGUEIRA

Um homem estava roçando para fazer uma derrubada. Chegou debaixo de uma figueira. Apareceu uma moça muito bonita e disse:

— Na hora da derrubada, não corte essa figueira!

O homem não derrubou a figueira.

Um dia o homem quis ver o que acontecia se cortasse a figueira. Pegou e derrubou. Logo a moça apareceu de novo e entrou na figueira. O homem rachou toda a figueira e a moça começou a chorar nos pedaços rachados: — halu, halu, halu...

Ainda hoje, a gente escuta a figueira fazer: — trin, trin, trin... É o choro daquela moça.

A ONÇA QUERIA SER ANTA

A onça propôs para a anta:

— Vamos brincar de trocar? Você fica onça e eu fico anta.

— O quê? — Respondeu a anta.

A onça falou:

— Vamos fazer assim: faz de conta que você é onça e eu anta. Você vem e pula em cima de mim.

Fizeram a brincadeira. Foi quando a onça viu que se na verdade trocassem, ela ia sair perdendo. E como a anta no começo só disse: — o quê? — e não disse sim, a onça não quis mais a troca.

A onça ficou onça mesmo e ali na hora matou a anta.

O MUTUM E A SERIEMA

O mutum e a seriema trocaram de penas e de lugar: a seriema foi para o mato e o mutum para o campo. Antes de se separarem, o mutum falou para a seriema:

— Quando caírem as duas primeiras chuvas, você urra como eu fazia.

A seriema urrou muito antes de cair a primeira chuva. O mutum escutou o urro e esperou, esperou muito tempo e nada de chover. Ficou brabo com a seriema e os dois destrocaram as penas, menos as do rabo e cada um foi morar no seu lugar de antes: a seriema voltou para o campo e o mutum para o mato.

NANBIKUÁRA NÃO COME CASTANHA-DE-CAJU

Uma mulher tinha uma criancinha e estava grávida de outra. Não podia cuidar da criancinha por causa da gravidez. Queria que os outros dessem castanha-de-caju para a sua criança. Mas não davam. Ela pensou: — Agora eu quero ver se vocês também vão comer castanha!

Os outros tinham um monte de castanha-de-caju. Ela cuspiu nas castanhas. Quando os outros foram comer, tinha gosto estragado.

Por causa disso, Nanbikuára não come até hoje castanha-de-caju.

MULHER MATA MARIDO DESCONFIADO

Eram dois casais. Um homem foi caçar com a mulher do outro.

De volta, o marido da mulher que foi caçar, desconfiou e reclamou com a mulher.

A mulher, depois da reclamação, foi ao mato, trouxe uma fruta de bacaba, cozinhou e deu bem quente para o marido comer.

A fruta quente enganchou na garganta do marido e ele morreu.

AS MOÇAS VIRARAM MACACAS

Um rapaz tinha uma cera em casa. Duas moças queriam a cera do rapaz. Mas ele disse para elas:

— Deixem a minha cera aí!

— Nós queremos a cera para passar na mão e brincar nas árvores sem cair e vamos viver lá.

Pegaram a cera do rapaz e foram embora para cima das árvores e viraram macacas.

A SUSPEITA DO CARRAPATO

Um carrapato se despregou do corpo de um animal e falou:

— Agora eu vou para o corpo do homem. Se o homem me tirar, arrancando o braço, eu fico sem ele. Se me jogar no fogo, eu viro fumaça. Se me expremer, fico esmigalhado. Se me cortar pelo meio, fico sem cabeça.

Ainda hoje o homem mata o carrapato de todos esses jeitos.

A ORIGEM DO ÚTERO

Antigamente a mulher não tinha vagina nem útero.

A paca começou a roer uma cabaça, mas não era capaz de fazer direito. Então veio a cotia e perguntou à coruja:

— Como é que nós vamos fazer o útero da mulher?

A coruja falou:

— Vamos fazer do miolo da cabaça.

O cordão umbilical foi feito de corda de tucum: sai do umbigo e vai para dentro do útero.

O HOMEM E O JACARÉ

Um mamãidesu foi caçar. Encontrou o jacaré e o jacaré o comeu.

Uma mulher foi lá, viu os ossos do homem e o jacaré com a barriga grande. Voltou e contou para o marido.

O marido pegou umas flechas e foi matar o jacaré. Flechou, mas não matou. Veio outro jacaré. O homem correu e subiu num pau. O jacaré deitou debaixo do pau e esperou o homem dois dias.

O jacaré não agüentou mais, foi para a água. Aí o homem escapou.

O CASAMENTO DA LONTRA

A lontra casou com ariranha.

O sogro ariranha deu para o genro lontra flecha para matar peixe. Mas o genro só dava para o sogro os peixes pequenos.

Então o sogro zangou e tomou a filha, a flecha e ainda flechou o pesqueiro do genro.

É por isso que hoje a lontra só pega peixe pequeno, enquanto que a ariranha pega muito peixe grande e come.

A VELHA MORREU DE PREGUIÇA

Era uma velha chamada Sula?lakalisu. Era tão preguiçosa, que nunca comia porque não queria fazer nada. Outra velha mandava ela fazer alguma coisa, mas nada.

Então a velha largou de mandar.

Ninguém sabe dizer como agüentava tanto tempo sem comer.

ÍNDICE

A morte e a outra vida do Nanbikuára

A origem da morte 1
A morte e os mortos 2
O lugar de purificação das almas 4
A morada das almas 7
Comunicação entre vivos e mortos 9

Lendas dos índios nanbikuára

Origem das nebulosas 15
Origem da roça e da flauta sagrada 17
O homem vira tamanduá-bandeira 19
A vingança do gavião 20
O rabo da preguiça 21
A origem da noite 22
A conquista e a origem do fogo 23
A fruta hoje tem tempo 24
O mijo da cigarra 25
Variante desta lenda 26
A mulher e a anta 26
O castigo de uma mulher 27
O engano dos bichos 28
A moradia dos animais 29
O filho que sabia caçar 30
A experiência do socó 31
O velho Ne.àlusu e a boipeva 31
Nanbikuára tem água de novo 32
O velho louco 33
O aperto do tamanduá-mirim 33
O tatuzinho e a jaguatirica 34
Os sapos matam uma mulher 35
Origem do nanbikuára de hoje 35
A flauta da perdiz 36
O homem fazia trovão 36
Nanbikuára começa a comer piqui 37
A mancha da lua 37
Variante desta lenda 38
A diversidade das línguas 38

Cobra ensina dormir 39
A formiga sabida 39
As crianças viraram macaco 40
A sucuri mata o velho sovina 40
O sapo do pau oco 41
A conquista do machado de pedra 41
O casamento da sucuri com a saracura 42
O homem dava a própria carne para comer 42
O casamento e a morte da sucuri 42
Nambu engana a onça 43
O jacaré tinha língua 43
A flauta do grilo 44
O machado do pica-pau 44
O pernilongo gosta só da orelha 45
O roubo da cor 45
A risada das seriemas 45
A onça, a mariposa e o beija-flor 46
O peido da velha 46
O redemoinho leva a vovó 46
A mulher virou rato 47
É bom tomar banho e beber água 47
Cobra de duas cabeças não tem rabo 47
A casca milagrosa 48
Ialù?ialùsu não come mais iça 48
As almas roubam criança 48
Queriam conhecer o velho 48
O pedreiro valente 49
O fim do marimbondão 49
A menina preguiçosa 49
Novo sol e nova lua 49
O carrapato sem bunda 50
Os trançados do xire 50
A moça da figueira 50
A onça queria ser anta 50
O mutum e a seriema 51
Nanbikuára não come castanha-de-caju 51
Mulher mata marido desconfiado 51
As moças viraram macacas 51
A suspeita do carrapato 52
A origem do útero 52
O homem e o jacaré 52
O casamento da lontra 52
A velha morreu de preguiça 52

PESQUISAS

Publicações de Antropologia

1. **Um Paradeiro Guarani no Alto Uruguai** — Inácio Schmitz, S.J. — Pesquisas 1, 1957 122—142.
2. **Os Iranche, Contribuição para o Estudo Etnológico da Tribo** — José de Moura, S.J. — Pesquisas 1, 1957, 143—180, 293—295.
3. **Paradeiros Guaranis em Osório (Rio Grande do Sul)** — Inácio Schmitz, S.J. — Pesquisas 2, 1958, 113—143.
4. **Pesquisas Páleo-Etnográficas na Ilha de Santa Catarina** — Alfredo Rohr, S.J. — Pesquisas, 3, 1959, 199—266.
5. **A Cerâmica Guarani da Ilha de Santa Catarina e a Cerâmica da Base Aérea** — Inácio Schmitz, S.J. — Pesquisas 3, 1959, 267—324.
6. **Schmuckgegenstände aus den Muschelbergen von Paraná und Santa Catarina,** Südbrasilien — Guilherme Tiburtius — Pesquisas 1960, Anthropologia nr. 6; 60 pp.
7. **Objetos Zoomorfos do Litoral de S. Catarina e Paraná** — Guilherme Tiburtius e Iris Koehler Bigarella. — Pesquisas 1960, Antropologia nr. 7, 51 pp., 13 tab.
8. **Pesquisas Páleo-Etnográficas na Ilha de Santa Catarina, II** — Alfredo Rohr, S.J. — Pesquisas 1960, Antropologia nr. 8, 32 pp., 5 fig., 1 mapa.
9. **Juan del Oso en los Tuztlas** — J. Hasler — Pesquisas 1960, Antropologia nr. 9, 17 pp
10. **Os Munkü. 2.ª Contribuição ao estudo da tribo Iranche** — José de Moura, S.J. — Pesquisas 1960, Antropologia nr. 10, 59 pp.
11. **Wildschweinhauer als Werkgeräte,** aus den Muschelhaufen von Paraná und Santa Catarina, Südbrasilien. — Guilherme Tiburtius — Pesquisas 1961, Antropologia nr. 11, 28 pp., 5 Abb.
12. **Pesquisas Páleo-Etnográficas na Ilha de Santa Catarina, e Notícias Prévias Sobre Sambaquis da Ilha de São Francisco do Sul, III** — Alfredo Rohr, S.J. — Pesquisas 1961, Antropologia nr. 12, 18 pp., 12 fig.
13. **Notícias de uma Indústria Lítica no Planalto Paranaense** — Igor Chmyz — Pesquisas 1962, Antropologia nr. 13, 19 pp., 7 fig.
14. **Pesquisas Páleo-Etnográficas na Ilha de Santa Catarina e Sambaquis do Litoral Sul-Catarinense,** IV (1961) — Alfredo Rohr, S.J. — Pesquisas 1962, Antropologia nr. 14, 27 pp., 10 fig.
15. **Pesquisas Arqueológicas em Santa Catarina.** I. Exploração sistemática do sítio da Praia da Tapera. II. Os sítios arqueológicos do Município de Itapiranga — Alfredo Rohr, S.J. — Pesquisas 1966, Antropologia nr. 15, 61 pp. 1 mapa, 4 pranchas.
16. **Arqueologia no Rio Grande do Sul** — Pedro Ignacio Schmitz, S.J. e outros — Pesquisas 1967, Antropologia nr. 16, 58 pp., 5 fig., 6 pranchas.
17. **O Sítio Arqueológico de Alfredo Wagner, SC VI 13** — João Alfredo Rohr, S.J. — Pesquisas 1967, Antropologia nr. 17, 24 pp., 7 fig. fora do texto.
18. **Anais do Segundo Simpósio de Arqueologia da Área do Prata** — Pesquisas 1968. Antropologia nr. 18, 190 pp., 1 tabela, 9 pranchas fora do texto.
19. **Petroglifos da Ilha de Santa Catarina e Ilhas Adjacentes** — João Alfredo Rohr, S.J. Pesquisas 1969, Antropologia nr. 19, 30 pp., 15 fig., 1 foto.
20. **Anais do III Simpósio de Arqueologia da Área do Prata e Adjacências** — Pesquisas 1969, Antropologia nr. 20, 216 pp., 30 pp. de ilustrações.
21. **Sugestões para uma tipologia lítica para o interior do Sul do Brasil** — Tom O. Miller, Jr. — Pesquisas 1969, Antropologia nr. 21, 48 pp., 18 fig, fora do texto.
22. **Os sítios arqueológicos do município sul-catarinense de Jaguaruna** — João Alfredo Rohr, S.J. — Pesquisas 1969, Antropologia nr. 22, 37 pp., 1 mapa, 1 fig, 2 pr. fora do texto.
23. **Arqueologia do Vale do Rio Pardinho** (comparações com material proveniente do Alto Jacuí), 1.ª parte — Pedro Ignacio Schmitz e outros — Pesquisas 1970, Antropologia nr. 23, 54 pp., 12 pranchas, 2 tábuas fora do texto.
24. **Os sítios arqueológicos do Planalto Catarinense** — João Alfredo Rohr, S.J. — Pesquisas 1971, Antropologia nr. 24, 56 pp., 12 fig., 4 pr. fora do texto.
25. **Os Espíritos Maus dos Nanbikuára e Quinze Lendas dos Nikbáktsa** — Pe. Adalberto Holanda Pereira, S. J. — Pesquisas 1973, Antropologia nr. 25, 48 páginas.

VALE DO RIO DOS SINOS

Revista da Faculdade de Economia do Vale do Rio dos Sinos

Publica trabalhos de pesquisas e artigos dos professores e alunos da Faculdade, nos campos sócio-econômico-doutrinatários.

Aceita permuta com revistas e publicações congêneres.

Endereço:

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Praça Tiradentes, 35

93000 São Leopoldo — RS — Brasil

ESTUDOS LEOPOLDENSES

Revista da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Leopoldo

Publica trabalhos de pesquisas dos professores e formados da Faculdade, nos seguintes setores:

História e Ciências Sociais — História Natural

Filosofia — Letras — Matemática — Educação

Pode ser conseguida em volumes, contendo todos os artigos, ou em cadernos separados por setores.

Aceita permuta com revistas e publicações congêneres.

Endereço: **Estudos Leopoldenses** — Praça Tiradentes, 35
93000 **São Leopoldo** — RS — Brasil

Serviço gráfico de Rotermund S. A. — S. Leopoldo, RS — 26.838